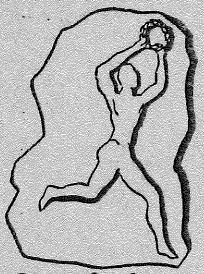
UM · CARTUXO

SILÊNCIO COM · DEUS



COLECÇÃO · ÉFESO

SILÊNCIO COM DEUS

C O L E C Ç Ã O É F E S O

dirigida por F. XAVIER DE AYALA

1. JACQUES LECLERCQ: *Diálogo do homem e de Deus.* Apresentação da Colecção (Quarta edição)
2. JESUS URTEAGA: *O valor divino do humano.* Prólogo do Prof. Dr. Augusto Vaz Serra (Quarta edição)
3. JACQUES LECLERCQ: *O matrimónio cristão.* Prólogo do Prof. Dr. Guilherme Braga da Cruz (Terceira edição)
4. GUSTAVE THIBON: *O pão de cada dia.* Prólogo do Dr. Mário Pacheco (Segunda edição)
5. GEORGES CHEVROT: *Simão Pedro.* (Segunda edição)
6. CARDEAL MINDSZENTY: *A mãe.* Prólogo de D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Mitilene (Segunda edição)
7. JACQUES LECLERCQ: *Vocação do cristão.* Prólogo de Pedro Correia Marques (esgotado)
8. PIEPER-RASKOF: *Cristianismo* (esgotado).

9 - 10. PÉREZ DE URBEL: *Vida de Cristo* (esgotado).

11. DOROTHY DOHEN: *Vocação de amor* (esgotado).
12. GEORGES CHEVROT: *Jesus e a Samaritana* (2.ª edição).
13. FRANZISKUS STRATMAN: *Cristo e o Estado.*
14. GUSTAVE THIBON: *O que Deus uniu.*

15. ARNOLD RADEMACHER: *Religião e vida.*

16. UM CARTUXO: *Silêncio com Deus.*
Prólogo de G. B. Torelló (Segunda edição)

17. MICHAEL SCHMAUS: *A essência do cristianismo.*

18. FEDERICO SUÁREZ: *A Virgem Nossa Senhora.*

19. ROMANO GUARDINI: *Introdução à oração.*
Prólogo de Mons. Manuel d'Almeida Trindade

20. A. SERTILLANGES: *Deveres.*

21. ROMANO GUARDINI: *A vida da fé.*
Prólogo de Mons. Avelino Gonçalves

22. STANISLAS FUMET: *Quem como Deus?*

23. RONALD KNOX: *A torrente oculta.*

24. PAUL CLAUDEL: *O Poeta e a Cruz.*
Prólogo de Luís Forjaz Trigueiros

25. KARL ADAM: *Cristo nosso irmão.*
Prólogo do Prof. Doutor Luís de Pina

26. GEORGES CHEVROT: *O Sermão da Montanha.*

27. STANISLAS GILLET: *A virilidade cristã.*

28. PÉREZ DE URBEL: *O Ano do Senhor.*

29. CHARLES DE FOUCAULD: *Textos espirituais.*
Prefácio de René Bazin, da Academia Francesa

30. PETER LIPPERT: *E Job disse a Deus.*

31. DOROTHY DOHEN: *A caminho de Belém.*

32. ROMANO GUARDINI: *O Deus vivo.*

33. PIE REGAMEY: *O mistério da Cruz.*

UM CARTUXO

SILÊNCIO COM DEUS

PRÓLOGO DE

G. B. TORELLÓ

EDITORIAL ASTER, LDA.
LISBOA

LIVRARIA FLAMBOYANT
SÃO PAULO

Títulos originais

Amour et silence
La Sainte Trinité et la vie surnaturelle

Copyright do Autor

Tradução de
CARLOS DE MIRANDA

2.ª Edição

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS À EDITORIAL ASTER, LDA.
LARGO DONA ESTEFÂNIA, 8 — LISBOA

PRÓLOGO

É preciso aproveitar bem a ocasião que Deus nos oferece quando faz que este livro chegue às nossas mãos. Temos necessidade da doutrina que ele encerra, porquanto há erros que só comete aquele que procura a verdade. E são esses os mais perigosos. Sabem apresentar-se bem, insinuam-se com maneiras insidiosas, com a luva branca da pureza, com as cores suaves de um belo idealismo ou com a nobre austeridade de uma rigidez puritana.

Este livro é um antídoto. Mais ainda, apresenta princípios fundamentais de vida. Por isso, parece breve como uma boa nova, simples como um pedaço de pão. Mas não nos podemos enganar, e pensar que se trata de um livro fácil. A nudez de uma verdade não é insignificância; é, sim, abismo de conteúdo, abundância sem espalhafato, um sem fim de segredos mais ou menos penetráveis, segundo a inquietação inquisitiva do leitor. Devemos pensar, no entanto, que se não mergulharmos nas profundidades abissais da verdade, correremos o risco de não compreender nada.

Quando um filósofo diz «o ser é o ser», o homem vulgar apenas capta a identidade dos termos desta frase e fica satisfeito com a sua simples intelecção. Porém, o metafísico edifica toda a sua sabedoria a partir dessa verdade de La Palisse, e, como fruto gozoso do seu esforço, vê desaparecer a aparente facilidade da frase.

Mediante a agudeza da sua maravilhosa simplicidade, pode admirar mundos infinitamente variados que um simples amador de verdades esquemáticas nunca será capaz de conceber. É por isso que, na ciência teológica, o que há de mais difícil é a elaboração de um catecismo, porque tem de ser simples e verdadeiro.

Do tema deste livro, pode dizer-se o mesmo que António Machado dizia da poesia: «algumas palavras verdadeiras». Mas cada uma delas encerra em si muito da alma de quem ora ou de quem canta — cantar é próprio de quem ama, *dizia Santo Agostinho. É «uma torrente do seu sangue, sete anos do seu querer» (C. Riba), simplicidade conquistada com a vida.*

Hoje em dia, escreve-se muito sobre a vida espiritual, sabe-se — ou julga-se saber — mais ainda, divulga-se por toda a parte a terminologia ascética, talvez porque a psicologia actual — muito na moda — se apoderou de uma parte dela, ou talvez ainda porque as palavras são o simples eco de outras palavras. No mundo actual, disse Thibon, há mais saliva que sangue.

Eis a causa de que, por vezes, aos que falam, as as árvores não lhes deixem ver o bosque. Por um lado, as palavras gastam-se, perdem eficácia, como os gritos de um soprano trágico para o empregado do teatro que o ouve todos os dias. Por outro, o mundo cristão, embre-

nhado corajosamente na tarefa de desmascarar o paganismo com o qual vive paredes meias, dá por vezes a impressão de ser um mundo de doutores da Lei que — como alguém dizia recentemente na Itália, com frase dura — porventura assassinaria outra vez a Cristo se, com nova loucura de amor, repetisse a sua divina aventura entre os homens (1).

É que, na verdade, o cenário pouco mudou: pagãos, pecadores, doutores da Lei.

Cristo, o bom Pastor, temia pelos seus apóstolos quando se lamentava da sua incompreensão em face do sobrenatural. Não receava o número dos seus pecados nem a sua possível deserção para as fileiras do paganismo. Temia apenas a possível degradação farisaica das suas almas: religiosas, sim, mas enfermas na fé. É por isso que lhes dizia: «Se a vossa santidade não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus» (Mat., V, 20).

Disse almas religiosas enfermas na fé, porque é esta a principal característica do fariseu. No nosso século há muitos homens que têm uma espécie de fé sem religião, ao mesmo tempo que, entre os cristãos, se encontra com frequência, uma religião sem fé.

---

(1) *Nuovi farisei*, «L'Ultima», Abril de 1950. Florença.

Não é raro vermos a religião reduzida à moral e esta, por sua vez, reduzida a um mandamento único: o sexto. É uma religião que parece resumir-se na discussão de um centímetro de saia a mais ou a menos, ou na cena mais ou menos «visível» de um filme duvidoso. Ninguém autorizou esta redução dos dez mandamentos em que incorrem tantos homens, especialmente os novos, cuja única preocupação parece ser exclusivamente a da castidade ou, melhor ainda, que pensam que ser bom é o mesmo que lutar por ser continente — não pròpriamente casto, porque a castidade é um voo de amor que arrasta nas suas asas ardentes, a fragilidade do corpo. A única redução do Decálogo, legítima e válida, é a que fez o próprio Cristo: redução ao supremo mandamento do Amor, observado com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças (Luc., X, 27).

Quando encontramos com tanta frequência tanto formalismo empolado e legalista, cristãos polidos, enfeitados com um perfume barato de cristianismo — em que, naturalmente, não existe um grão sequer de mirra — sente-se a tentação de repetir o golpe de martelo de Miguel Ângelo sobre o joelho da estátua de Moisés: «Fala!». São perfeitos, mas sem vida.

Outras vezes, ao contemplarmos a «vida» de mui-

tos funcionários observantes do nosso cristianismo, não acode, por acaso, à nossa memória a lembrança daquele coração de um embrião de frango que Alexis Carrel conseguiu fazer latejar in vitro *ao longo de vinte e sete anos de laboriosa vigilância? É preciso reconhecer que não é cómodo viver dessa maneira mas, ao mesmo tempo, também é triste observar que todo esse trabalho apenas serve para obter um germe bastardo de vida.*

A santidade, isto é, a perfeição da vida cristã, o termo normal do seu desenvolvimento, não consiste em fazer coisas cada vez mais difíceis, mas, como dizia Santa Teresa, em as fazer cada vez com mais amor.

Fé e amor. Palavras que é preciso penetrar bem sem as deixar passar ao largo por serem muito ouvidas! Se elas não se convertem em carne da nossa carne, o bem que pretendemos fazer não conseguirá arrastar ninguém, porque nele faltará vitalidade. O mal desenvolve um poder de atracção considerável quando é intensamente vivido, mas só arrasta pelo que tem de vida, não pelo valor do mal que o informa, que afinal é uma simples negação e por isso incapaz de prender o coração de quem quer que seja.

O cristianismo farisaico põe, na verdade, o seu coração em coisas fúteis, e apenas sabe oferecer a Deus a exactidão rígida e sem alma, a lei sem amor e, por

vezes, a conveniência própria, sàbiamente dissimulada. Perante Deus, o cristão farisaico transforma-se num esqueleto disfarçado de doutor sabichão, cujo rasto denuncia a podridão interior da alma.

Não se trata, porém, de viver de sentimentos, mas de tornar realidade a atitude de «fervor de espírito» de que falava São Paulo (Rom., XII, 11). *É o homem com toda a sua personalidade que tem de entrar em relação com o Deus vivo. Um morto não pode conversar com um ser vivo, e a mesma falta de vida se encontra no homem sentimental que se deixa envolver pelos seus próprios sentimentos e no homem cerebral que tem a alma seca e desconhece o que é o amor.*

Quando observamos as características do farisaísmo contemporâneo, consequência de uma religiosidade que ignora o verdadeiro sentido da vida de oração, devemos, com toda a lealdade, fazer um sério exame de consciência para verificar se no nosso interior jorram as fontes de água viva que correm para a vida eterna ou se, pelo contrário, deixamos que o reino de Deus morra dentro de nós. Devemos examinar também se procuramos o reino de Deus apenas por fora, na confusão dos nossos clamores proselitistas, na complexidade barroca das nossas atitudes, na actividade que apenas procura chamar

a atenção geral por meio de banalidades presunçosamente empolgantes.

É uma característica do mal do nosso tempo a impudícia, a sua presença descarada nas ruas, a sua evidência provocativa. E esse facto pode levar a crer que o bem deve fazer-lhe, necessàriamente, uma concorrência ruidosa e expansiva. Na verdade, todos estamos convencidos de que nenhuma arma é desprezível, de que no ardoroso combate das batalhas do Senhor é preciso empunhar todas as armas boas ou indiferentes e ainda de que não é possível permitir que algumas delas estejam totalmente abandonadas nas mãos do inimigo.

Porém, trata-se agora de vincar, de segredar ao ouvido que «uma só coisa é necessária» (Luc., X, 42), *tal como Cristo corrigia o dinamismo febril de Marta. «Não omitamos essas coisas»* (Mat., XXIII, 23), *mas cuidemos de que as obras não sejam apenas folhagem seca, sem seiva, sem o humilde afundamento das raízes na terra, que é penhor realista de todos os sonhos de maturidade dos frutos.*

O brado audaz da assembleia pública perde-se no ar viciado se não for acompanhado da oração silenciosa de quem o lança, oração secreta no segredo do seu quarto. A multiplicidade dos trabalhos apostólicos e das obras de caridade pode vir a ser um ornamento vão, mesmo

uma ilusão, sem a corrente oculta de vida que só em Deus se encontra. E a Deus, só o encontramos no centro mais profundo da nossa alma. «A vossa vida está escondida com Cristo em Deus» (Colos., III, 3).

A falta de eco da voz dos cristãos e os seus fracassos, devem-se ao facto de bradarem para fora em vez de clamarem para dentro. O reino de Deus não se dilata por caminhos que se pretende abrir com os brilhantes instrumentos do nosso século atómico — faúlhas dificilmente visíveis numa noite de fogo. É preciso aprender a orar, a viver para dentro, a ser. *Depois, só depois, irromperá iniludìvelmente a acção «como a flor brota no ramo que já não pode resistir mais à primavera que o invade»* (Maragall). *E enquanto a nossa capacidade do divino, do santo, não estiver cheia, o desejo, a preocupação, a fome e a sede de santidade pessoal, terão um fermento que os nossos lábios abrasados, os nossos braços cansados e as nossas mãos sempre abertas em atitude de súplica e de doação irão espalhando. Esta é a «única coisa necessária»: fome e sede de santidade, isto é, fome e sede de interioridade.*

O livro que temos nas nossas mãos, é um livro que nos ensinará a entrar dentro de nós mesmos.

OS CAMINHOS PEQUENOS

Fala-se muito de simplicidade, de singeleza, de caminhos pequenos, de tornar simpática a virtude e a vida cristã. E é muito conveniente, porque nunca o múltiplo é perfeito — Deus é a simplicidade máxima, o acto puro.

No entanto, há cristãos que se escondem astutamente sob essas palavras, que neles já não têm um sentido simples mas uma interpretação simplista. Amor da vida ordinária não quer dizer que devamos contentar-nos com uma vida vulgar e banal. Poderia ser simplesmente medo perante o heroísmo que a santidade verdadeira exige, que não é mais do que a felicidade constante no meio dessa «terrível vida quotidiana», de que falava o Papa Bento XIV.

Há cristãos, verdadeiros fariseus dos nossos dias, que exaltam os «caminhos pequenos», mas na realidade apenas procuram comprar o reino dos céus a baixo preço — «a hortelã e o cominho» — sem quererem saber nada das exigências do amor e das suas profundas intimidades. Falam muito, e adocicadamente, de Jesus manso e humilde de coração, de um Jesus mais bonzinho do que bom... sem repararem que, quando pintam a sua imagem dessa maneira, a deformam até o fazerem parecer injusto.

Esses cristãos nada querem saber de ascetismo nem de misticismo. Dizem que amam a simplicidade mas, no fundo, o que não querem é complicar a vida com as loucuras da cruz. Amam a normalidade, a normalidade horizontal e apática das almas comodistas, não a normalidade admirável e heróica de Cristo, homem perfeito e Deus perfeito. A normalidade que tanto apregoam — «tudo é compatível!» — é, no fundo, mediocridade, ao passo que, nos santos, é a própria santidade.

Não sabem, ou não querem saber, que a simplicidade é amor à verdade — a própria verdade, segundo S. Tomás — antes a ignoram, deturpando a figura humana do santo que, como Cristo, é um homem que poderia dizer: «Eu disse-vos a verdade» (João, VIII, 40). *Por isso, a simplicidade é quanto há de mais oposto a todas as formas de duplicidade, de restrição mental, porque só a verdade é que nos torna livres. O centurião de Ernest Psichari escrevia estas profundas palavras na imensidade do deserto africano que o conduziu a Deus: «Eu sei que há homens que pretendem amar a verdade. Mas, se a verdade vem de Deus, rejeitam-na e cobrem a cara como os hipócritas e os fariseus. Querem pesar tudo, controlar tudo... Aceitam a verdade sempre que a possam enquadrar nos moldes que lhe forjam... Introdu-*

ziriam o seu braço na chaga do lado aberto do Salvador, como Tomé, e ainda diriam: «Não acredito!»

Esses cristãos, apesar de dizerem muitas vezes ao dia: «Faça-se a vossa vontade», não querem acreditar que a vontade de Deus seja a nossa santificação (I Tessal., IV, 3), *ou que a verdade dessa santidade seja o heroísmo, vivido com toda a naturalidade, sem escrúpulos nem complicações. Teresa do Menino Jesus, invocada como padroeira dos «pequenos caminhos de perfeição» foi, na verdade, uma heroína do sacrifício escondido e da cruz levada a prumo. Quem disser que deseja seguir o caminho de santidade que ela ensinou, tem de examinar a sua consciência e ver o que na realidade ama: se aquele «grande caminho pequeno» ou o seu próprio comodismo. Há uma simplicidade heróica e há uma simplicidade mesquinha, e importa não as confundir.*

Nietzsche dizia aos cristãos que não se condenariam pelos seus pecados, mas pela sua insuficiência. *E a observação é, em muitos casos, rigorosamente exacta. Já no seu tempo, S. João da Cruz censurava enèrgicamente os directores espirituais que cortavam as asas às almas desejosas de se elevarem a grandes altitudes. São estas as suas palavras:*

«Acontece por vezes que Deus anda a ungir algumas almas com desejos santos e com razões para que abando-

nem o mundo e mudem de vida e de conduta, e sirvam a Deus desprezando o século... e eles (os directores), com razões humanas e argumentos muito contrários à doutrina de Cristo e à sua humildade e desprezo de todas as coisas, fundados no seu próprio interesse ou no seu próprio gosto, ou por temerem aquilo que não é de temer, lhes levantam dificuldades, e ou os levam a adiar ou, o que ainda é pior, esforçam-se por lho tirarem do coração.

«São estes que o Salvador ameaça, por meio de Lucas, dizendo: «Ai de vós, que vos apoderastes da chave da ciência e não entrais nem deixais entrar os outros» (Luc., XI, 52). *Estes, na verdade, estão investidos na posse da chave das portas do céu, e não deixam entrar os que lhes pedem conselho, muito embora saibam que Deus lhes mandou, não só que os deixem e ajudem a entrar, mas ainda que os forcem a entrar, quando diz por Lucas: «Força-os a entrar para que fique cheia a minha casa»* (Luc., XIV, 23). *Eles, porém, forçam-nos a não entrar.*

«Desta maneira, eles (os directores) são cegos que podem estorvar a vida da alma que é o Espírito Santo, e tal acontece por muitas formas que são ainda mais claras do que aqui se diz. Uns sabem-no e outros não o sabem, mas uns e outros não ficarão sem castigo por-

que, sendo esse o seu ofício, têm obrigação de saber e reparar no que fazem».

Estas preciosas palavras, tão cheias de actualidade, não se devem aplicar apenas aos casos específicos de vocação para a vida de perfeição, mas também à vocação genérica e universal de todo cristão para a santidade. No céu, há sòmente santos. Os que dizem contentarem-se com o último lugar, correm o risco de errar o alvo, além de manifestarem já a anemia de uma alma espiritualmente enfezada.

Um cristão autêntico não pode esmagar a sua alma, nem a pode impedir de voar permanecendo na descaída atitude dum comodismo sonolento. Deus colocou-nos neste mundo como flechas escolhidas — sicut sagittam electam! (Is., XLIX, 2) — *e não consente qualquer lassidão deliberada, que é sempre uma traição. Devemos correr e apressar o passo atrás de Cristo, que «se lançou como um gigante a correr o seu caminho»* (Ps., XVIII, 6), *sem nos surpreendermos pelo nosso cansaço, mas sem nos deitarmos no leito cómodo de qualquer valeta. Não nos admiremos de às vezes sentirmos a fadiga ou o peso da nossa vocação de santidade — manto régio, tingido com a púrpura do sangue do Rei dos reis. Isso também aconteceria ao rijo Cristóvão com o peso do pequeno menino sobre os seus fortes ombros, e ao*

grande Agostinho com o seu próprio amor de Deus: «O meu amor é o meu fardo!»

Há, no entanto, outros cristãos que insistem ardilosamente em que a virtude se encontra no meio termo e acabam por cair na maior das mediocridades. Esquecem-se de que nada há de mais preciso que um ponto e de que só a mediatriz que por ele se eleva, conservando-se equidistante dos dois extremos do erro, ganha em altura e em beleza. Procuram o meio termo — «nada de exageros!» — e «no meio termo encontram apenas meio Deus, reduzido à sua medida, e compreensível para a sua mediocridade».

É verdade, sem dúvida, que Deus ama a simplicidade, que a santidade é a perfeição na vida ordinária e que uma boa parte da formação de muitos católicos deveria consistir em tirar complicações da sua vida espiritual, acorrentada por cem pormenores próprios dos neuróticos. Mas essa simplicidade, o homem só pode conquistá-la com a paz, isto é, através da guerra, com o ostinato rigore *de Leonardo da Vinci. Existe a paz de Deus, perfeitamente imóvel na eterna actividade da sua vida íntima, e também existe a paz irremediável dos mortos. Existe a paz de uma vida simples depois de uma guerra, e também existe a paz conseguida pela anestesia da alma e pela inoculação do vírus da paralisia. O santo compra*

a paz com o seu sangue, compra a vida com a sua própria vida entregue sem reservas.

Outras vezes costuma-se chamar prudência, compreensão, liberalidade, àquilo que não é mais do que cobardia, brandura, desinteresse. E não falta quem procure esconder-se na fórmula, tão habitual, do «faço o que posso», que nunca foi norma verdadeira de conduta. Como diz um provérbio italiano, antes de mais faz-se o que se deve — e até ao fim! —, depois faz-se o que se pode, e só então é que será possível fazer o que se quer!

É evidente que não há salvação possível sem santidade. E não há santidade possível sem grandes ambições, sem fome e sede de justiça, sem a sensata loucura que eleva o homem à sua perfeição mais alta — abraçar a Verdade absoluta com a sua inteligência que não descansa até a encontrar, e o Amor eterno com a sua vontade, sempre irrequieta enquanto não alcança.

É por isso que o cristão fariseu não compreende que a santidade exija o penetrar nas camadas mais profundas da vida de oração, sem se ficar no limiar dela, satisfeito com meia dúzia de orações mais ou menos bem alinhadas, sòmente eficazes em momentos de urgência. O cristão que ora, deve ter incessantemente nos seus lábios as palavras de S. Francisco Xavier: «Mais, Senhor, mais!»

O homem com espírito de oração, deve ser um «varão de desejos» (Dan., IX, 23), *uma «chama viva de amor». E o fogo, como diz Agostinho, nunca diz: basta! E o mesmo Santo acrescenta: «Disseste basta? Pereceste!»*

Não podemos ficar satisfeitos com a nossa actual vida de oração, seja ela qual for. O nosso lema deveria ser, neste ponto, o adoptado por uma companhia americana de aviação: «Cada vez mais alto, cada vez mais rápido, cada vez mais longe». E sempre com humildade e com sacrifício, cada vez com maior generosidade.

Ainda a propósito dos «pequenos caminhos», da chamada «infância espiritual», será preciso dizer que, na Igreja de Deus, sempre os mais humildes foram os mais audazes. Quem fica *menino, é um atrasado. Só quem* se faz *menino — à custa de lutas heróicas — é que se santifica, e entra por isso no reino dos céus. E é preciso andar depressa, porque «o tempo é breve» e porque «o amor de Cristo nos apressa»* (II Cor., V, 14).

O HUMANISMO PERIGOSO

Há uns anos, a revista francesa, La vie spirituelle *abriu o seguinte inquérito: «Para que tipo de santidade*

nos encaminhamos hoje?» E as respostas foram desoladoramente unânimes.

«A nossa espiritualidade — dizia uma delas — é um humanismo cristão. A tendência mais acentuada, sobretudo entre os jovens, é de uma liberdade total no sentido do desenvolvimento em todos os terrenos. Mortificação, só a que a própria vida impõe. Mas a luta contra si mesmo, a mortificação procurada encontra poucos adeptos e seria severamente julgada. Talvez mesmo, provocasse escândalo. Procurar a cruz para assemelhar-se a Cristo, como Francisco de Assis na sua «alegria perfeita»... isso não entra nas perspectivas da espiritualidade contemporânea» (Resposta de um Assistente da A. C.).

Este assunto levanta o perigo de que a recta doutrina, a palavra da Vida, não seja entendida com exactidão.

Quem tiver lido a conhecida obra de Urteaga, sabe muito bem qual é o «valor divino do humano», no seu sentido forte e sobrenatural. Sabe que os valores humanos devem ser utilizados e que seria erróneo querer prescindir deles, e também que *é necessário encontrá-los numa autêntica vida interior, porque a natureza não é destruída pela graça.*

Com efeito, as virtudes humanas têm muito de divino, porquanto foram divinizadas pelo próprio Cristo, que gostava de se chamar a si mesmo «Filho do homem» e que se deliciava em permanecer entre os filhos dos homens. Aquele «por quem foram feitas todas as coisas» (Joan., I, 3), *ama tudo o que existe e «não pode odiar nada do que fez»* (Sab., XI, 25).

É o homem completo, na plenitude do seu ser, que tem de se santificar. Para o conseguir, não pode — nem há qualquer motivo para isso — prescindir da natureza com que Deus o dotou.

Contudo, não se trata agora desse tema. Trata-se, pelo contrário, de evitar um outro perigo, a deficiente visão sobrenatural que se esconde na atitude dos que pretendem essa conciliação através da fórmula — acaso ingénua? — que, segundo nota Olgiati, uma freira inventou e que desconcerta pela sua simples brutalidade: «Faça-se a minha santa vontade de Deus!»

Há muitos cristãos que não conseguiram penetrar na profundidade sobrenatural que encerra a busca da perfeição ordinária. Limitam-se a andar à procura de uma perfeição puramente humana, conseguida sòmente à força de vontade, perfeição que deveríamos chamar «apolínea». É por isso que se torna necessário fazer vibrar em todos os corações a palavra de Cristo, quando

nos diz: «*Sem mim,* nada *podeis fazer*» (João, XV, 5), *e da sagrada Escritura quando proclama que «se o Senhor não edifica a casa, é em vão que trabalham os que a constroem»* (Ps., CXXVI, 1).

Em primeiro lugar — apregoa-se — temos de ser homens, desenvolver a nossa própria personalidade, «integrar na nossa santidade o mais possível do valor humano». Até aí muito bem. Mas a seguir, alguns acrescentam com um certo descaramento inconsciente: «Não concordo com S. João da Cruz... porque tem uma santidade desumana. Porque chega a ser santo apesar da sua natureza, fazendo tábua rasa de tudo quanto é humano». E alguém chegou mesmo a comentar que deveríamos consolar-nos e desculpar S. João da Cruz, pensando que «ele foi um contemplativo... Talvez as pessoas afastadas do mundo possuam mais da redenção, enquanto que nós, que nos encontramos mergulhados na vida ordinária, possuimos mais da incarnação».

O erro que se encerra nessas palavras é manifesto e, além disso, de graves consequências. É por isso que se torna necessário dar a voz de alerta.

Procura-se frequentemente a exaltação do homem, o êxito externo, a felicidade física sem quaisquer peias. Mas sempre sem renúncia, sem cruz. Os homens não

querem «sacrifícios de luxo» e esquecem frìvolamente que o caminho da perfeição é um só e igual para todos.

O próprio Cristo estabeleceu esse caminho com palavras que não admitem limites no tempo: «Se alguém quer vir a mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz de cada dia e siga-me» (Luc., IX, 23). *Depois disso, poderá alguém ter a pretensão de mudar aquilo que está no próprio âmago do cristianismo, e deslocar o centro da espiritualidade de Cristo para o homem? A pretensão de um cristianismo antropocêntrico, mina o cristianismo na sua própria base, e a primeira vítima dessa mistificação é o homem que acarinha exaltadamente o desejo de se* encontrar *fora de Deus, do Deus dentro de quem «vivemos, nos movemos e somos»* (Actos, XVIII, 28). *O homem só é perfeito em Cristo* (Col., I, 28), *e a Cristo só se pode chegar pelo esquecimento do próprio eu.*

Por outro lado, não carece de oportunidade a observação de que a miragem de pretender facilidades excessivas na vida espiritual, está baseada num erro de perspectiva em face do nosso tempo, já que, do ponto de vista histórico, o humanismo antropocêntrico fracassou por completo. Como notava Olgiati, ao exaltar o homem e pretender o Übermensch, *apenas souberam dar-nos o* Untermensch, *um ser inferior ao homem. O exemplo*

da Alemanha nazista e nietzscheana é bem característico. Na verdade, nem sequer do ponto de vista psicológico se torna possível o desenvolvimento da personalidade sem um grande número de renúncias. O homem, como a obra de arte, só se faz através da renúncia.

Há muitos que pensam na ordem de ideias que censuramos ou que, pelo menos, se comportam de acordo com ela. São os que esquecem que o reino dos céus, só o arrebatam os violentos, os que fazem violência a si mesmos (Mat., XI, 12). *É que há muitos valores humanos que só o são quando estão enquadrados na vontade de Deus, e há determinadas circunstâncias em que é preciso escolher entre a apostasia e o sacrifício da própria vida. Tal é a terrível, mas gloriosa alternativa dos mártires.*

Em toda a parte há muitos cristãos que nem sequer querem ouvir falar da necessidade que o homem tem de se negar, de se mortificar. Mas isso não é obstáculo para que falem e discutam muito sobre a pessoa, sobre a educação, sobre activismo, dinamismo ou problematicismo, sobre filosofia ou pedagogia da vida cristã. Dessa maneira nascem gerações de homens que, para se não sacrificarem a si mesmos, sacrificam os outros ao seu egoísmo multiforme. Mas, «sem derramamento de sangue, não há redenção» (Hebr., IX, 22).

Enganar-se-ia Paulo quando ansiava «dissolver-se e estar em Cristo», quando dizia que o seu «viver era Cristo» e que a morte para ele era ganho? (Filip., I, 23). *E quando não queria saber de nada, a não ser de Cristo, e precisamente «este, crucificado»?* (I Cor., II, 2). *Enganar-se-ia o apóstolo André, ao abraçar alegremente a cruz, «durante muito tempo desejada, amada com solicitude, procurada com insistência e já disposta com desejos de alma»? Ter-se-iam enganado com eles todos os mártires que avançaram para as feras entoando cânticos nupciais? E todos os santos que a Igreja canonizou, e todos os ascetas e místicos, e todos os que renunciaram ao amor humano por um amor mais elevado e mais duradoiro? E todos os que, como eles, consideram essencial para a santidade uma vida escondida com Cristo em Deus, porque aprenderam dos lábios da Igreja que no homem não há nada que valha a pena se não for vivificado pelo Espírito divino?* (1).

A perfeição cristã reside no amor — força em que o homem se perde a si mesmo — e onde há amor, há dor. Um cristianismo sem cruz não é cristianismo. Um huma-

(1) *Sine tuo numine nihil est in homine* (Sequência de Pentecostes).

nismo sem renúncia é intrìnsecamente falso. O próprio Blondel, o filósofo da acção, diz-nos que «agir é sofrer, porque é o mesmo que escolher, limitar-se; e o sofrimento é sinal de reparação e de progresso que nos arranca do engano de querer o que é menos, para nos levar a querer o que é mais, o que é novo em nós, o infinito que trespassa as nossas vidas como uma espada reveladora». Todo o homem tem de se perder, ou entre os outros homens, ou em Deus. É neste último caso que consegue a maravilhosa e suprema impersonalidade dos santos, ìntimamente unidos com Deus, substituído o seu pensar, o seu querer e o seu amar, pelo pensar, querer e amar de Cristo.

Na entrega total de si mesmo, na atitude de saber diminuir-se para que ele cresça (João, III, 30) *é que o homem atinge, dolorosa mas alegremente, a máxima perfeição que imaginar se pode. Ao seguir as pisadas de Cristo, o homem eleva-se acima da sua própria natureza, finalidade da incarnação do Verbo. Deus fez-se homem, para que o homem se fizesse Deus (Santo Agostinho).*

À luz destas ideias, é muito simples verificar como o falso humanismo, na sua mesquinha redução da dignidade do cristão, se manifesta demasiado pouco ambicioso. No mundo arcádico que julga construir, têm de

sentir-se terrìvelmente angustiados aqueles que querem viver como filhos de Deus.

De resto, à alegria cristã, indispensável na vida do homem, pelo facto de proceder da cruz de Cristo, só se obtém «subindo a ela e dando aí tudo com um sorriso nos lábios. Aí é que se encontra a alegria, a liberdade, a graça, a eterna juventude» (Claudel). *Quem sabe alguma coisa de generosidade arrancada à própria carne, saboreou com certeza essa alegria, ao passo que o jovem de que fala o Evangelho sentiu-se imediatamente dominado pela tristeza, porque não se quis entregar: «Foi-se embora triste»* (Mat., XIX, 22). *Essa alegria não é solitária, não é tão «elevada» que despreze este mundo maravilhoso em que vivemos. Pelo contrário, sem o cubiçoso interesse que cria a terrível solidão do egoísta, sabe amar com toda a profundidade, com um amor capaz de descobrir no Universo, no Universo quotidiano, «la fronde onde s'infronda tutto l'orto dell' Ortolano eterno»* (Dante).

Já São Paulo falou do erro dos que imaginam que o facto de se dar totalmente a Cristo, é como que precipitar-se na negação absoluta. Eis como descreve, de maneira fogosa, a vida dos primeiros cristãos: «como à beira da morte, e eis que vivemos; como tristes, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo

a muitos; como se não tivéssemos nada, mas possuindo tudo!» (II Cor., VI, 8-10). *E a Igreja canta dos seus mártires: «Aos olhos dos estultos, parece que morreram, mas eles repousam na paz»* (Sab., III, 3). *O mesmo se pode repetir de todos os que se entregam a uma vida de intimidade com Deus, através de renúncias que muitos homens, mesmo bons, mesmo apostólicos, quase nunca conseguem compreender.*

E, no entanto, este pensamento é muito mais optimista, muito mais seguro, muito mais alegre e, além disso, não se afasta do caminho evangélico da cruz, «pela qual veio a alegria a este mundo» (Liturgia de Sexta-Feira Santa). E é penhor de obras e de fecundidade. Aqueles que pensam que «os santos do futuro não serão penitentes, mas reis da criação», esquecem que é um único o caminho que conduz às estrelas: Per aspera ad astra! Per crucem ad lucem!

E é também um caminho de irradiação apostólica. Os apóstolos — «como que destinados à morte» assim lhes chama Paulo — terão sempre que aprender, como os antigos cavaleiros ao serem armados, que são «homens que entram em carreira de morte». É a morte do grão de trigo que se enterra e que só assim dá fruto.

Seria um triste apostolado pretender atrair diminuindo a dureza do caminho. Tirai à santidade a cruz

e ter-lhe-eis tirado a sua força avassaladora. Ter a coragem de proclamar a dificuldade do caminho é, simplesmente, pôr em evidência a altura do cume que se pretende atingir: alvorada para os homens generosos, incitamento para os humildes, coroa para os que têm esperança.

A VIDA DE ORAÇÃO

Tudo quanto antecede, vem a propósito da ideia de que a oração, tão simples de fazer, exige renúncia, e que só através do sacrifício é que podemos chegar a «orar sem desfalecer» (Luc., XVIII, 1).

A dificuldade consiste em perseverar. Ser fiel à oração quer dizer saber esgotar-se como Cristo, a suar sangue sob as oliveiras negras de Getsemani, alumiadas ùnicamente pelo luar do mês de Nisan. Quer dizer perseverar positis genibus, *ainda que seja sobre a pedra dura, com o coração insensível e com a língua ressequida. Quer dizer compenetrar-se da ideia de que o Verbo de Deus omnipotente só desceu do seu elevado trono dos céus «quando todas as coisas estavam em silêncio, quando a noite estava a meio do seu curso», no silêncio da*

mais profunda intimidade e na noite clara e profunda do recolhimento.

Este o grande segredo da vida de oração. E o amoroso silêncio interior exige uma generosidade sem limites.

Recolher-se não quer dizer esquecer, antes pelo contrário, atender, tal como um filho escuta o pai que lhe fala. Quer dizer desenvolver um esforço activo dirigido ao interior, abandonar a estulta pretensão de encontrar a Deus nas *praças e* nas *ruas da cidade. É dentro de nós que trazemos sempre o Senhor e é aí que devemos procurá-lo, mesmo quando caminhamos* pelas *ruas e* pelas *praças da cidade.*

Interiorizar-se — não abandoná-lo! — recolher-se, exige sempre uma marcha atrás, quando o homem se encontra espontâneamente fora de si próprio, numa fuga dispersiva. Por isso requer sacrifícios, mas são sacrifícios impostos pelo amor, esse amor que o estrondo de muitas águas não pode abafar (Cânt., VIII, 7).

Num dos seus livros, Guardini convida-nos a fazer um exame de consciência, depois de termos dado um passeio pela cidade com todos os sentidos despertos: luzes, cores, gritos, anúncios, jornais atractivos, críticas, palavras e mais palavras, cochichos de namorados, atitudes doutorais, velocidade, baile num rés-do-chão, men-

digos, palhaços, risos, prantos... Que gritaria caótica no nosso coração! Temos de conservar-nos do íntimo para Deus, e então veremos tudo mais belo, maior, mais digno e real. No silêncio e na esperança é que está a nossa fortaleza (Is., XXX, 15).

Este recolhimento não é fuga, não é pusilanimidade. Mas há ainda um recolhimento mais íntimo e da maior importância.

Não é suficiente impedir a invasão das coisas exteriores que nos despersonaliza e nos torna gregários. É preciso também acalmar as vagas interiores. «O muito imaginar enferma a memória», dizia um escritor antigo, e o que não doma a sua fantasia nunca virá a ser um homem de oração (a fantasia, aliás, é a causa de quase todas as mágoas e descoroçoamentos). Temos de amar a realidade, a verdade, para que a nossa vida tenha estabilidade e firmeza. A muita imaginação não é característica da juventude, mas da instabilidade provisória da adolescência.

Nessa altura, a presença de Deus em todas as coisas e, sobretudo, em nós mesmos — de que este livro nos vai falar — poderá ser vivida com a alegria, todos os dias renovada, das nossas magníficas descobertas. «Em Cristo, todas as coisas são novas» (II Cor., V, 17). *Todos os dias desaparecem os caminhos interiores do dia que pas-*

sou, e, no mar de Deus, temos de fazer caminhos novos, abrindo-os a passos firmes. «Caminhante, não há caminho! Apenas sulcos no mar!» (Machado). *Fugir do mar parece fácil, mas há que afastar a tentação dos portos: «Mar adentro!»* (Luc., V, 4), *é a ordem de Cristo.*

A dificuldade da oração está em saber recolher-se. Uma vez conseguido, o resto é fácil. A oração não é complicada. Nós é que somos complicados e temos de lutar para nos simplificarmos, para atingirmos a simplicidade essencial, que não é a superficialidade de que antes falávamos.

É claro que para isso se requer muita graça de Deus. Temos de ser humildes e de nos esforçarmos com generosidade, com a esperança no dom de Deus, tão superior à esperança mesquinha nos meios humanos, que hoje se apregoa como tão poderosa. «Estes confiam nos seus carros de guerra, e aqueles nos seus cavalos; nós, porém, no nome do Senhor nosso Deus» (Ps., XIX, 8).

É preciso cansarmo-nos na luta, e orarmos no meio da nossa fadiga, porque «Deus não exige impossíveis, e quando manda uma coisa apenas pede que façamos o que pudermos (Santo Agostinho). Ele guardará a cidade fortificada do nosso recolhimento se tivermos a coragem de reconhecer, num acto de humilde e invencível

esperança, que «se o Senhor não guardar a cidade, debalde velará quem a guardar» (Ps., CXXVI, 1).

A força que secretamente alimenta essa esperança é o amor. Encontramo-nos tão desprotegidos como os pobres que vivem em casebres esburacados. É bom que procuremos tapar as fendas por onde o recolhimento se esvai, mas é bem melhor acender uma fogueira no meio do nosso coração para que nenhum frio possa tolher a vitalidade interior da nossa alma. «O amor, diz S. João da Cruz, nunca está ocioso, mas em contínuo movimento. Tal como a chama, anda a lançar sempre as suas labaredas aqui e além».

Com estas promessas, que o livro que vamos abrir nos faz pressupor se nos deixarmos conquistar por ele, podemos entrar pelo caminho de oração simples que o autor nos oferece de maneira clara e incisiva. Com ele devemos aprender a adivinhar o Senhor em todas as coisas, e sobretudo em nós mesmos. Humildemente, generosamente.

Roma, Agosto de 1956.

G. B. TORELLÓ

INTRODUÇÃO
À VIDA ESPIRITUAL

INTRODUÇÃO

O Senhor diz-nos que o Reino de Deus está entre nós. Não sòmente entre nós, mas até no mais íntimo do nosso ser: «Aquele que me ama, guardará as minhas palavras, e meu Pai o amará, e viremos a ele e nele faremos a nossa morada» (João, XIV, 23).

É pena que esqueçamos tanto estas verdades. Há muitas almas, na Igreja, que se esforçam por viver honestamente e procuram aproximar-se de um certo ideal de pureza moral: mas muito poucas sabem conservar-se elevadas na fé, apoiadas na esperança e abrasadas pela caridade, de modo a participar completamente na vida que Jesus lhes quer comunicar.

Nós estamos cercados, envolvidos pelas previdências divinas: temos tudo o que é necessário para começar, desde já, uma existência de sublime intimidade com Deus. Tenhamos pois vontade de viver a nossa vida sobrenatural. Conhecemos os princípios, o caminho está aberto; seria pois um erro da nossa parte não nos orientarmos por ele.

Temos de concordar que os «filhos do século são mais hábeis nos seus negócios do que os filhos da luz» (Luc., XVI, 8). Na realidade, recebemos um tesouro infinito que não sabemos apreciar, e a ignorância em que vivemos acerca do seu verdadeiro valor impede-nos de o aproveitar convenientemente. Pois não era a nossa negligência que o Senhor visava, quando falou do talento estéril que o servo desajeitado lançava e escondia inùtilmente na terra?

E todavia Cristo não se limita a oferecer-nos o seu amor infinito. Intima-nos com tanta insistência que parece querer obrigar-nos a aceitar. Procede connosco um pouco como em relação àqueles miseráveis — os enfermos de que fala o Evangelho — que não tinham sequer liberdade de recusar o convite divino: «Obriga-os a entrar» (Luc., XIV, 23).

Ouçamos este chamamento, e será nossa a oração da Igreja: «Concede-nos, Senhor, um acréscimo de fé, de esperança e de caridade».

Não nos contentemos com alguns actos de piedade no princípio e no decurso do dia. Tais práticas não formam uma vida, conceito que implica uma actividade permanente e contínua. Ora, o Senhor quer ser a nossa vida: «Eu sou a vida» (João, XI, 25). É pois preciso estarmos unidos a Deus momento a momento. Jesus não nos pede tal fórmula ou tal gesto de piedade e de devoção; pede-nos todos os nossos instantes, todas as nossas forças, toda a nossa alma, para, em troca, nos fazer começar a viver já no mundo a vida eterna. Saibamos corres-

ponder aos chamamentos de Cristo, para respirar enfim o ar puro e luminoso da verdade e da caridade eterna.

Para abrir à alma o horizonte sobrenatural, gostaríamos de esboçar um método simples e prático de meditação, de modo a permitir-lhe habituar-se a transformar todo o dia numa oração contínua, segundo as palavras do Evangelho: «É preciso orar sempre e nunca desfalecer» (Luc., XVIII, 1).

Antes de descrever este método, exporemos sumàriamente os princípios que lhe devem servir de base; e, depois de os termos exposto, demonstraremos que esta doutrina se encontra claramente expressa no Evangelho, nas próprias palavras de Cristo.

PRINCÍPIOS DA VIDA ESPIRITUAL

O FIM SOBRENATURAL

Se lançarmos um olhar sincero sobre o passado da nossa vida espiritual, ficaremos espantados — acabrunhados mesmo — com a lentidão ou nulidade dos nossos progressos. Porque foram estéreis tantos esforços? Porque temos de confessar sempre as mesmas fraquezas e de apontar as mesmas quedas? Não teremos nós, desde o princípio, esquecido o principal? Não nos teremos enganado de caminho?

Realmente, só há uma porta pela qual se pode entrar no reino espiritual. É em vão que tentaremos entrar nele de outro modo; iríamos de encontro a barreiras intransponíveis. Seríamos semelhantes a ladrões inábeis que procuram inùtilmente saltar o muro de uma propriedade bem defendida: «Aquele que entra por outra parte, é um ladrão e um bandido» (João, X, 1). Esta porta única é Cristo, é a fé em Cristo: fé que a caridade vivifica e que, fortalecendo o coração, lhe permite, como recom-

pensa, amar, arder mais intensamente, brilhar sempre mais, à imagem da caridade divina.

Devemos acentuar, sem desfalecimento, a fatuidade total do ascetismo que não tem outro ideal além do aperfeiçoamento do eu, do ascetismo que se poderia chamar egocêntrico. Os resultados que ele proporciona são bem frágeis, e os frutos que dele se tiram são decepcionantes; quem só semeou como homem, só pode colher coisas humanas.

O ascetismo cristão baseia-se inteiramente num princípio divino e é este mesmo princípio que o vivifica, o entusiasma e o conduz até ao seu termo: «Amarás a Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças» (Deut., VI, 5 e Mat., XXII, 37). É o resumo e a essência da lei antiga. A lei nova não fez mais que retomar este primeiro e supremo mandamento, explicá-lo e promulgá-lo universalmente em toda a sua simplicidade, em toda a sua força divina. Logo desde o início da vida espiritual, é preciso orientar a alma para a plenitude do amor, só para Deus. Proceder de outro modo é desconhecer o sentido profundo do cristianismo. É voltar ao esforço egoísta, ao egoísmo vaidoso de certas morais pagãs — os estoicismos de ontem e de hoje —, cultura tão lamentável e de um orgulho tão mesquinho!

Se nos pudéssemos convencer, de uma vez para sempre, da veracidade das palavras do Mestre: «Sem mim nada podereis fazer» (João, XV, 5), como a nossa

vida mudaria de aspecto! Se estivéssemos compenetrados da doutrina de vida expressa nestas palavras: «Envia o teu Espírito e criar-se-á», aplicar-nos-íamos a praticar não tal ou tal virtude, mas todas sem excepção, sabendo que é o próprio Deus quem deve ser simultâneamente o princípio e o fim de todos os nossos actos.

Mas, depois de termos feito tudo quanto nos era possível, como se o resultado dependesse de nós, saberíamos continuar humildes perante os nossos progressos, confiantes mesmo após a queda. Sabendo que por nós próprios nada somos, mas que com Cristo somos omnipotentes — «Eu posso tudo n'Aquele que me conforta» (Fil., IV, 13) —, as nossas faltas não nos desconsolariam mais do que nos envaideceriam os actos de virtude que só a graça divina tornou possíveis.

Devemos dizer ainda mais: para uma alma que se certifica do seu nada e do tudo de Deus, nem as fraquezas nem as derrotas devem ser obstáculo; transformam-se em meios, são a ocasião propícia para a fé se acrescentar pelo acto heróico, e para a confiança triunfar em face da derrota evidente de tudo o que não leva a Deus: «Eu me glorificarei nas minhas fraquezas — diz o Apóstolo — para que habite em mim a força de Cristo» (II Cor., XII, 9).

Quando verdadeiramente tivermos começado a apoiar-nos assim em Deus e não em nós mesmos, avançaremos a passos de gigante sobre os trilhos do amor. A caridade dominará cada vez com maior intensidade

os nossos actos e purificará as nossas intenções, a ponto de não tardar a invadir toda a nossa vida.

Se quisermos ser fiéis à doutrina do Evangelho, devemos esforçar-nos por chegar a agir só pelos motivos da fé ou da caridade. E, como um princípio natural nunca dá frutos sobrenaturais, nunca lá chegaremos se desde já não procurarmos animar-nos destas virtudes tìpicamente cristãs. Se, como diz São Paulo, não podemos pronunciar sequer o nome do Senhor sem a graça, como poderíamos esperar atingir sem a graça e só pelos nossos esforços a vida sobrenatural?

Certamente que, para a reforma do homem velho, o trabalho da vontade é indispensável. Mas quando estará mais pronto, quando será mais eficaz o vigor da nossa vontade? Quando provier da simples razão ou quando provier da fé e da caridade? A resposta é fácil e surge-nos sem esforço, no pensamento. Mas então, por que não utilizar, no desenvolvimento da nossa vida interior, sempre que possível, as forças e as luzes que as virtudes nos podem dar? Por que não entrar sem preconceitos, desde o princípio, no reino interior, na intimidade de Deus?

O Reino de Cristo está aberto em nós. Mais ainda, o Senhor deseja formalmente ver-nos entrar nele: «Permanecei em mim e eu permanecerei em vós» (João, XIV, 25).

Rendamo-nos, hoje mesmo, ao seu chamamento. Comecemos a viver da fé: «O meu justo vive da fé» (Rom., I, 17).

A VIDA DE FÉ

O que, com efeito, antes e acima de tudo importa, é CRER. Crer na realidade do mundo divino, presente em nós e à nossa volta: elevar a nossa actividade de vontade e de inteligência até ao nível da verdadeira vida a que Deus nos chama. Este acto de fé que transforma o nosso destino humano e o diviniza, é fisicamente custoso, exige um heroísmo de que seríamos incapazes se Deus se não antecipasse, apoiando o nosso esforço. Não tendo força para produzir por nós próprios este primeiro acto, temos de imitar a oração do pai do enfermo: «Senhor, vem em auxílio da minha incredulidade» (Marc., IX, 24).

É a fé que nos garante as promessas divinas: «Desposar-te-ei na fé» (Os., II, 30). É ela que, no mundo, nos faz caminhar nas suas santas trevas: «Nós caminhamos na fé» (II Cor., V, 7). Desde o princípio até ao fim, seguiremos este caminho, e teremos cuidado em não nos afastarmos dele, levados por luzes muito fáceis porque demasiado humanas, mas que não tardariam a deixar-nos decepcionados pela sua inanidade.

A fé é um guia severo e infalível; ignora as concessões e os cálculos, não mede os obstáculos: por detrás do véu das aparências, adivinha já a verdade eterna, a vitória de Jesus: «Eis a vitória que vence o mundo: a nossa fé» (I João, V, 4). A despeito de todos os factores humanos que tentam atrasar ou diminuir o seu vigor,

ela mantém-se firme na esperança, como o Apóstolo dizia do Patriarca Abraão: «Não hesitou, apoiou-se na sua fé, esperou contra toda a esperança» (Rom., IV, 18-20).

Todo o ensino do Senhor se baseia na fé. Duvidar é fraquejar: «Por que duvidaste, homem de pouca fé?» (Mat., XIV, 31). É a fé que salva. Cristo até atribui à fé daqueles que curou os milagres por Ele operados. Uma gota de fé basta para transformar sobrenaturalmente o mundo: «Se vós tivésseis tanta fé como um grão de mostarda...» (Luc., XIII, 6).

Inscrevemos no princípio deste ensaio estas palavras, para marcar a fronteira que é necessário ultrapassar com decisão e simplicidade, se quisermos seguir o Senhor: *É preciso aprender a contar com Deus.*

Gostaríamos de traçar nestas páginas as linhas essenciais da vida interior de acordo com um método de meditação simples e prático, baseado na fé. Como, com efeito, acabamos de ver, a fé é o princípio desta vida, e, quando a graça divina tiver consumado a sua acção em nós, é ainda esta mesma certeza sobrenatural que, depois de inundada toda a nossa alma, nela fará o templo de amor, segundo as palavras de Paulo: «A fé opera pela caridade» (Gál., V, 6), e «Cristo habitará, pela fé, no coração e nos fará conhecer a caridade sobreeminente de Deus que excede toda a ciência» (Efés., III, 17).

Comecemos por analisar de fugida as grandes verdades que nos devem servir de ponto de partida.

PRESENÇA NATURAL DE DEUS

Para melhor compreendermos a presença sobrenatural de Deus, recordemos primeiro como Ele está naturalmente presente em todas as coisas.

Deus está em toda a parte. Esta verdade é tão simples e nós esquecemo-la tantas vezes. E, no entanto, se nos debruçássemos mais sobre ela, teria a virtude de dar uma orientação nova à nossa vida.

Cansamos muitas vezes a imaginação para representar um Deus longínquo e a nossa oração sofre com isso. Deus é Espírito, Espírito que não está limitado num lugar, mas que penetra todas as coisas. Por isso, os verdadeiros adoradores de Deus o adoram em espírito e em verdade. Recordemos as palavras do Apóstolo: «É d'Ele que nos vem a vida, o movimento e o ser» (Act., XVII, 28).

No princípio da nossa vida espiritual, começaremos por abrir os olhos para esta grande verdade. O resultado será maravilhoso, se pudermos chegar a fazer viver em nós o pensamento da presença imediata e universal de Deus.

A razão, antes mesmo de toda a revelação sobrenatural, diz-nos que Deus nos conhece, nos vê perfeitamente, instante a instante, porque Ele conhece e vê todas as coisas: «Aonde hei-de ir, para escapar ao vosso espírito, onde me poderei refugiar para me subtrair ao

vosso olhar? Se me ergo até ao céu, aí vos encontro; se desço até ao inferno, vós estais lá também» (Salmo CXXXVIII).

Deus não nos atinge apenas com o seu olhar, mas comanda e dirige tudo o que fazemos. É d'Ele que nos vem o querer e o realizar. Se Ele não estivesse presente em mim, nem mesmo o dedo mínimo poderia mexer. Nada, absolutamente nada há que não esteja submetido à sua acção: nem mesmo o pecado. No acto do pecado, Deus está presente, Deus dá o poder de agir e o exercício do acto. A depravação da nossa vontade é a única coisa que não vem de Deus.

Porque é a causa primeira e total, sem Ele não podemos praticar o acto mais insignificante. Se fosse de outro modo, Deus deixaria de ser Deus: «Se eu erguesse o meu voo lá dos extremos da aurora e fosse poisar à beira dos confins dos mares, mesmo aí o vosso braço me conduziria e a vossa mão direita me cingiria num abraço» (Salmo CXXXVIII).

Mas há mais. Não basta que Deus governe as criaturas e dirija a sua actividade. Sendo o princípio único e soberano da totalidade dos seres, é preciso que os sustenha na existência, que continue a cada instante a dar-lhe tudo o que eles são. Se a acção divina cessasse um segundo, o universo e nós próprios desvanecer-nos-íamos como um sonho. Depois de compreendermos a necessidade do acto divino para conservar as coisas depois de as ter criado, encontraremos no mais pequeno

objecto uma grandeza inaudita, porque é o Todo-Poderoso e só Ele, que mantém, com a sua presença. esse ser humilde fora do nada.

A sombra parece ser a realidade mais débil; a nossa sombra não é nada em comparação connosco próprios. Mas, em comparação com Deus presente em nós, a nossa realidade é ainda menor. Perante a realidade divina, nem sombras somos sequer.

PRESENÇA SOBRENATURAL DE DEUS

Deus está pois presente na pedra que se nos depara, e é Ele que lhe permite, pela sua acção imediata, ser o que é: uma pedra.

Mas Deus, na sua bondade infinita, quis criar seres à sua imagem e semelhança, que, sublimados pela graça, estão muito mais perto d'Ele do que os seres inferiores a que Ele apenas transmite o ser natural. Deus é Espírito puro. Tem pois inteligência e vontade, para poder estar presente neles, não só como em todas as coisas mas, uma vez que os elevou à ordem sobrenatural, por intermédio da graça, para se lhes comunicar tal como é.

Da mesma maneira que Deus está presente nas coisas materiais e lhes dá o ser natural, quis também, mercê de uma generosidade totalmente gratuita, estar presente nas criaturas racionais, de modo a comunicar-lhes não sòmente o ser natural, mas o *seu próprio ser*, que os diviniza.

Deus não era obrigado a dar-se assim. Mas Ele é a própria bondade e o bem procura expandir-se («o bem difunde-se naturalmente»). Deus é como um fogo que não pode dominar-se e que se propaga a tudo o que é combustível: «O nosso Deus é um fogo que consome» (Deut., IV, 24).

Foi este fogo que o Senhor veio trazer à terra: «E o Verbo se fez carne». Nós sabemos porquê... «Eu vim trazer o fogo à terra e que desejo eu senão que se ateie?» (Luc., XII, 49). Sofreu para nos obter a graça, para nos tornar susceptíveis de ser incendiados por este fogo divino. Estaremos preparados para isso quando tivermos afastado todos os obstáculos à acção divina. O maior destes obstáculos é o pecado: «Se alguém me ama, guardará os meus mandamentos e nós viremos até ele, e nele faremos a nossa morada» (João, XIV, 23).

Cristo não só nos pôs em comunicação com a vida do Pai, mas também quis ficar entre nós, na sagrada Eucaristia, para aumentar pela sagrada comunhão esta mesma vida: «Ninguém chega ao Pai a não ser por mim (João, XIV, 6). Jesus é o caminho e o único caminho; querer atingir a vida divina sem Ele, seria presunção e ilusão. Quanto mais formos alimentados pelo amor da sua santa humanidade, quanto mais tivermos meditado nos seus exemplos, mais a vida divina aumentará em nós: «Eu vim para que eles tenham vida e a tenham abundantemente» (João, X, 10).

O PECADO MORTAL E A PRESENÇA DE DEUS

Estamos fadados para a mais profunda intimidade com o próprio Deus. Esta união do homem e do seu Criador foi estabelecida logo que Deus elevou os nossos primeiros pais à ordem sobrenatural. Mas, pelo pecado, Adão e Eva revoltaram-se contra Deus e quebrou-se a união entre o céu e a terra. Foi preciso um Homem-Deus para reparar esta ruptura, e é pela paixão e pelos méritos de Cristo que nós agora podemos de novo ser filhos de Deus e viver a vida divina.

Recebemos esta vida pelo baptismo e, se infelizmente a perdemos, o Senhor voltou a no-la dar cada vez que nos ressuscitou, no seu sangue, pela absolvição do pecado.

Abalizemos pois da importância que tem para nós a fuga do pecado: trata-se de não perder o dom mais precioso que aos homens foi outorgado: «Se tu conhecesses o dom de Deus...» (João, IV, 10). Que estas palavras do Senhor à samaritana se não convertam numa repreensão para nós.

Todas as infelicidades reunidas não são nada em comparação com um só pecado, porque um só pecado basta para nos privar da vida divina. Para compreender o horror do pecado, tomemos consciência da sua realidade. Que cristão teria a audácia de entrar furtivamente numa igreja, violar o cibório, profanar e lançar por terra as sagradas espécies? Seremos capazes de fazer

isso, teremos essa triste coragem? Não. Nem sequer o mais tíbio ousaria cometer este sacrilégio sobre o corpo do Senhor. Ora, que fazemos pelo pecado? Arrancamos Deus do nosso coração, para o submetermos ao domínio do demónio.

PRESENÇA SOBRE-NATURAL DE DEUS NO HOMEM

Sabemos que Deus é uno em natureza e trino em pessoa. O Pai desde toda a eternidade que gera o Filho, o seu *alter ego,* sua imagem perfeita. Não o gerou *outrora;* este seu acto teve lugar num presente eterno e perpetua-se agora mesmo: *contìnuamente o Pai gera o Filho.* E o Pai contempla este Filho divino e co-eterno; o Filho ama o Pai e por este olhar de amor que Eles trocam na simplicidade da essência divina, o Pai e o Filho espiram o Espírito Santo.

Esta vida divina que há-de ser a substância da nossa felicidade celeste comunica-se já, a partir de agora, às nossas almas, com a condição de estarmos em estado de graça. O Pai gera realmente em nós e *neste momento,* o Filho; e um e outro produzem em nós *a cada instante* o Espírito Santo.

Já tínhamos pensado alguma vez nestas verdades sublimes?

Usamos *sobre nós* escapulários, medalhas, relíquias, e consideramo-los como tesouro; mas temos *em nós* o Deus vivo, o céu, o fim único de todas as coisas e

suprema realidade e nem pensamos nisso... Não gostaríamos de sair de casa sem um rosário no bolso; e o Santo dos santos que trazemos *em nós*, perdêmo-lo de vista... Somos realmente portadores de Cristo, portadores de Deus, no sentido mais estrito do termo. Vem mesmo a propósito citar as palavras de S. Leão: «Reconhece, cristão, a tua dignidade...».

Destas reflexões tão simples vemos agora ressaltar uma grande conclusão: não é evidente que, se esta habitação divina, se esta presença de Deus em nós próprios desempenhasse na nossa vida o papel que lhe compete, não seria ela totalmente mudada e transformada?

A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE

Como chegar a esse ponto?

Deus não seria a bondade e a sabedoria infinitas se, quando procura e exige a nossa intimidade, nos não facultasse ao mesmo tempo os meios de comunicar com Ele. Estes meios de que podemos estar absolutamente certos e que nos permitem entrar em contacto imediato com Deus, são as virtudes teologais e as graças que elas comportam.

Pela fé, aderimos à verdade da vida que nos é proposta. Pela caridade, esta vida torna-se nossa. Pela esperança, temos a certeza de que, com a ajuda da graça, a

havemos de viver cada vez melhor e obteremos a sua posse imutável no céu.

É o núcleo essencial de toda a oração sólida e profunda. Em vez de fazer incidir a nossa atenção sobre tal ou tal assunto, em lugar de filosofar sobre Deus, multiplicando o esforço da inteligência, da vontade e da imaginação, para compor quadros, para representar cenas para nós próprios, podemos chegar a Deus na simplicidade do nosso coração: «Procurai-o na simplicidade do coração» (Sab., I, 1).

É o próprio Cristo que nos convida a fazê-lo: «Sede simples como as pombas» (Mat., X, 16). O homem é um ser complicado e afigura-se-me que se esforça por complicar-se ainda mais, mesmo nas suas relações com Deus. Deus, pelo contrário, é a simplicidade absoluta. Quanto mais complicados formos tanto mais estaremos afastados de Deus; todavia, na medida em que nos tornarmos simples, poderemos aproximar-nos d'Ele.

Vimos que Deus, nosso Pai, está presente em nós. Uma criança, para conversar com seu pai, vai por acaso utilizar um manual de correspondência ou um código de boas maneiras? Não, a criança fala simplesmente, não procura frases feitas, não recorre a nenhum formalismo. Procedamos da mesma maneira com o nosso Pai celeste. O Senhor disse-no-lo já: «Se vos não tornardes como as crianças, não entrareis no Reino dos Céus» (Mat., XVIII, 3).

Há alguma mãe que se canse de ouvir o filho dizer: «mãezinha, amo-te?». O mesmo acontece com Deus. Porque foi Ele próprio que, entre todos os nomes, escolheu o de Pai: «É o Espírito Santo que grita em nós: *Abba, Pater*» (Gál., IV, 6). É Ele também que põe na nossa boca as palavras inspiradas da Sagrada Escritura e os textos litúrgicos.

Como há-de ser então a nossa oração? Inteiramente simples. Tão simples quanto possível. Pôr-nos-emos de joelhos e faremos com todo o nosso coração os actos de fé, de esperança e de caridade. Não há método de meditação mais seguro, mais elevado e mais salutar.

MÉTODO DE ORAÇÃO

ACTO DE FÉ

Meu Deus, creio que estás aqui presente em mim, no meu pobre nada. Ainda se eu fosse só isso, o nada... Mas ainda por cima te ofendi, me revoltei contra ti. Estou pois abaixo do nada... Os animais não te desonrariam como eu, e todavia dignas-te habitar em mim. Deveria estar abatido, mas estou ainda inchado de orgulho, cheio de amor próprio... Meu Deus, apesar de tudo isto, adoro-te presente em mim. Creio firmemente que estás presente em mim, e, com a ajuda da graça, quero chegar a uma fé tão grande e tão forte que me não possa nunca mais deixar absorver por outra coisa que não sejas tu. Como o cego do Evangelho, direi: Senhor, faz com que eu veja... Faz cair o véu dos meus olhos, cura a minha cegueira, ilumina-me de tal modo que pela luz da tua presença, eu te veja em tudo, e veja tudo em ti...

ACTO DE ESPERANÇA

Meu Deus, espero em ti, bondade infinita, que quiseste fazer em mim a tua morada. Mas como posso atrever-me a esperar em ti, eu, o ser mais miserável, mais abjecto e mais ingrato? As minhas palavras deviam ser as de Pedro: Afasta-te de mim, Senhor, que eu sou um homem pecador...

Pois bem: não, meu Deus. Eu sei que tu desceste à terra e que vieste não pelos justos, mas pelos pecadores. É precisamente o título de pecador que eu hei-de alegar; porque eu sou pecador, é que espero em ti.

E não me limito a uma simples esperança; tenho a certeza de que estás, estarás, permanecerás sempre em mim, no sentido em que Paulo o disse: «Se Deus está connosco, quem será contra nós?... Tenho a certeza de que nem a morte nem a vida... nem nenhuma criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus» (Rom., VIII, 31, 38).

Doravante, meu Deus, sinto-me seguro contigo, não temo nada. O mundo, o inferno, a carne podem revoltar-se contra mim. Tu és o meu Emmanuel, «o Deus connosco», o meu tudo: «meu Deus e todas as coisas».

ACTO DE CARIDADE

Como posso dizer que te amo, eu, que tanto te ofendi? Se represento a minha vida por uma linha, devia ser uma linha recta e contínua de amor puro por ti, meu Deus, porque me criaste para te amar... Ora só vejo consagrados ao teu amor alguns pontos raros e espaçados. E mais... os actos mais generosos, os sentimentos mais puros, consumiram-se na sua maior parte na vaidade e na minha própria ostentação. Que ingratidão para contigo que me perseguiste sempre com o teu amor...

Mas, hoje mesmo, meu Deus, eu me entrego e exclamo por meu turno: Senhor, tu venceste... tu morreste de amor por mim... Ao menos viverei de amor por ti; e se não posso dizer que te amo, ao menos, quero amar-te...

CONSELHOS

Estes actos das três virtudes teologais não excluem a manifestação de outros sentimentos da alma para com Deus. Podemos imbuí-los... de tudo o que nos é necessário para adquirir as virtudes e para nos desembaraçar dos nossos defeitos. Em todo o caso, não podemos adquirir o hábito de falar de uma maneira tão séria com

Deus, sem que daí resulte um progresso real na vida do espírito.

Se estamos bem dispostos, depois de falarmos da abundância do coração, nada nos impede de passar o tempo de meditação nestes actos; faremos assim uma excelente oração.

Se, pelo contrário, estivermos áridos e frios e, se depois de termos feito os actos de fé, esperança e caridade, nada mais tivermos a dizer, abriremos um livro e servir-nos-emos do texto para alimentar a nossa conversa com Deus.

Para que isto seja uma verdadeira meditação, não se deve ler apressadamente página sobre página; é preciso parar a cada frase, torná-la viva e pessoal, dirigindo-a a Deus e aplicando-a a nós próprios: «Tu, meu Deus?... Eu, tua criatura...».

Vejamos ainda um exemplo. Lê-se: «O Senhor sofreu pelos homens». Interpreta-se imediatamente: «Tu, meu Deus, sofreste por mim...». Este modo de orientar o nosso pensamento permite-nos fazer considerações, não em abstracto, mas em conversa com o bom Deus: «Como é abrasador o teu amor, meu Deus... Quem és tu, que desceste do céu?... Que vieste fazer à terra?... Porque sofreste?... quanto e por quem?... Tu, meu Deus, tu incarnaste para sofrer... sem medida, por mim... ingrato... e morreste a pedir pelo teu carrasco, a pedir ao teu Pai celeste que me perdoasse... E eu... Eu não posso suportar a menor contrariedade,

embora saiba perfeitamente que mereceria sofrer mil vezes mais...». «Não, doravante nunca mais serei frio e indiferente contigo. Terei contìnuamente presentes as tuas palavras: «tenho sede». Tu tinhas sede, sede física, é certo, por causa dos tormentos que eu próprio te infligi com os meus pecados. Sede de amor, sobretudo, porque até agora eu não me dediquei a ti, como tu desejavas... A minha resolução de hoje será pois dar-te amor, só amor. Tudo o que hoje fizer, será em união contigo e por teu amor...».

O PAPEL DA IMAGINAÇÃO

Objectar-se-á que este método afasta excessivamente o papel da imaginação. Queremos de facto reduzir o seu papel ao mínimo essencial.

O trabalho da imaginação é uma actividade puramente humana; não é oração. E esta é a primeira razão que nos leva a procurar limitá-la.

Não há dúvida de que, sob a influência da graça, esta actividade inferior é sublimada e orientada para um fim sobrenatural. Resta acrescentar que a imaginação, como toda a faculdade sensitiva, depressa se esgota e se cansa do seu objecto. Construir e manter representações imaginárias é um trabalho fatigante demais para poder prolongar-se de um modo contínuo. Devemos, pois, evi-

tar erigi-la em elemento importante ou essencial da nossa oração, porque esta deve ser simples e constante, como nos diz o Evangelho.

A imaginação não poderia mesmo atingir as realidades sobrenaturais, que só à fé pura são acessíveis. Limita-se a jogar com a sombra das realidades invisíveis a que as virtudes teologais nos fazem aderir substancialmente.

Deduz-se do exposto que pretendemos eliminar da oração todas as imagens? Não, porque é impossível; mas gostaríamos que as imagens fossem utilizadas apenas na medida da sua estrita necessidade e não mais.

Se quisermos, por exemplo, meditar sobre a paixão do Senhor, é em nós mesmos que primeiro o havemos de procurar; dirigir-nos-emos a Ele como *presente em nós mesmos,* pela sua divindade. A imaginação, com a ajuda de um crucifixo por exemplo, pode ajudar-nos a representar o que Ele sofreu por nós na cruz. Mas não havemos de esquecer que Ele se encontra no nosso coração.

Isto de modo algum há-de diminuir a vivacidade e a força dos nossos sentimentos para com o Senhor. Muito pelo contrário; é a fé pura que dá a estes sentimentos a sua vida e a sua profundidade, porque nos ensina o seguinte: do mesmo modo que o nosso pecado actual atormentou *realmente* o Senhor na sua paixão, assim os nossos actos de amor o consolaram *realmente.*

Que encorajamento para uma alma fervorosa saber que pode, agora, pela sua caridade, consolar Cristo agonizante, abandonado por todos no jardim de Getsemani... Nada de imaginativo há nisto; é a sublime realidade da fé.

CONCLUSÃO DA ORAÇÃO

Das nossas meditações e das nossas leituras, havemos de ter o cuidado de tirar sempre a conclusão: Deus é *tudo*, nós não somos *nada*. «Meu Deus, tu és o ser infinito, eu sou o nada; tu és a beleza e eu a fealdade e a miséria; tu és a santidade e eu o pecado».

A pouco e pouco, havemos de chegar a imbuir-nos daquele estado de compunção que é o alicerce de toda a vida interior séria. É preciso que compreendamos finalmente que somos totalmente incapazes de fazer o bem, e que o único meio de viver é não fazer nada a não ser por Deus e para Deus.

Portanto, a resolução que havemos de tomar, em cada meditação, será conservar-nos na presença de Deus durante o dia que começa, fazer muitas vezes este acto tão simples: reentrar dentro de nós mesmos e, uma vez lá, saudar Deus por um acto de fé, esperança e caridade. Este método permitir-nos-á fugir constantemente do pecado e progredir com segurança na virtude.

A ORAÇÃO PROLONGADA

Se repetirmos durante o dia os actos essenciais da manhã, desenvolveremos, sem dúvida, em nós o espírito de oração.

As palavras de João tornar-se-ão o farol luminoso da nossa vida: «Deus é amor, e aquele que permanece no amor vive em Deus e Deus nele» (I João, IV, 16). Consequência: realizar-se-á o que o mesmo apóstolo disse: «Aquele que vive em Deus, não peca» (I João, III, 9).

É fácil subtrairmo-nos de vez em quando às preocupações da vida para pensarmos em Deus: «É bom aderir a Deus» (Salmo LXXXI, 28). Posso falar-lhe a cada instante. Nem sequer tenho necessidade de palavras para expressar o meu pensamento: um olhar instantâneo para o interior, um impulso de amor, bastam. Assim, lentamente, hei-de conseguir uma solidão interior tal, que me será possível ouvir a voz de Deus, segundo o que Ele disse dele mesmo: «Conduzi-lo-ei na solidão e falarei ao seu coração» (Os., II, 14).

Aplicar-me-ei a ouvir com uma fidelidade cada vez maior tudo o que Ele quer de mim: «Escutarei o que o Senhor meu Deus diz em mim» (Salmo LXXXIV, 9). Na hora das dificuldades, procurarei o meu refúgio junto d'Ele. N'Ele encontrarei a luz, com Ele partilharei as minhas alegrias... Numa palavra: é Ele que há-de ocupar o primeiro lugar nos meus pensamentos e nos

meu actos. A minha vida, que antes era egocêntrica, só n'Ele terá razão de ser.

E farei tudo isto sem violência, sem coerção. A repetição dos actos sobrenaturais predispõe para o enraizamento dos hábitos sobrenaturais. Se pretendo chegar a viver continuamente num ambiente de fé, esperança e caridade, o que tenho a fazer é esforçar-me por multiplicar estes mesmos actos. E, na certeza de que Deus me quer, de que me chama à sua intimidade — «As minhas delícias são estar com os filhos dos homens» (Prov., VIII, 31), não me pouparei a nenhum sacrifício para chegar a esse ponto o mais depressa possível.

OBJECTIVO DA VIDA DE ORAÇÃO

Encontrei o meu ideal. Sei onde quero, onde posso e onde devo chegar. Outrora caminhava sem conhecer o objectivo, e as dificuldades do caminho cansavam-me e desencorajavam-me; agora conheço-o e já nada me fará deter. Não repousarei mais até encontrar Deus no mais íntimo do meu coração. «Encontrei aquele que ama a minha alma, estreitei-o, e não o deixarei mais» (Cânt., III, 4). O amor dar-me-á asas: «O amor é forte como a morte» (Cânt., VIII, 6). Deixei de temer as dificuldades: «Tudo posso naquele que me conforta» (Fil., IV, 13).

Se lançar um olhar sobre a minha vida passada e me

esforçar por ser sincero comigo mesmo, devo confessar que, na minha vida espiritual, tem-me faltado o ideal, e que esta foi a causa profunda do pouco progresso que nela realizei.

Não tinha compreendido quanto o Senhor deseja as almas e as procura: almas que se dêem a Ele, para que Ele próprio possa dar-se às almas. O grau de intimidade a que nos convida, atingir-se-á na medida da nossa generosidade em corresponder à graça. Ele não quer pôr restrições ao seu amor e só procura dar-se inteiramente. Tem sede de possuir completamente as almas. Mas as almas têm medo d'Ele por causa das consequências desta intimidade, que exige da parte do homem grandes sacrifícios.

A partir de agora serei franco comigo mesmo. Sei, por um lado, que Deus quer penetrar inteira e definitivamente no meu ser, que me predestinou para ser conforme à imagem de Cristo. Sei também, por outro lado, que Ele se não detém perante a minha indignidade. E quem poderia acreditar em tal favor? «Quem diz que não pecou, é mentiroso» (I João, I, 10).

Mais ainda, não é *apesar* da nossa indignidade que Deus nos procura, é *por causa* da nossa indignidade que Ele se quer glorificar em nós. Quanto mais grosseira for a matéria, maior glória tirará o artista, se dela fizer uma obra prima. É esta verdade que o Senhor nos faz compreender no Evangelho, nas parábolas do filho pródigo e da ovelha perdida. Há mais alegria no céu pela

conversão de um pecador do que pela perseverança de uma multidão de justos.

Se decidi seguir daqui para o futuro este ideal, sou obrigado, em todos os meus actos, a confessar, por um lado, que nada sou e nada posso por mim mesmo; por outro, que Deus é tudo, que tudo pode e tudo quer fazer por mim, para que eu lhe faça a dádiva total do meu ser.

OBSTÁCULOS QUE SÃO MEIOS

O que até aqui considerei como um obstáculo será doravante um meio: tentações, distracções, dificuldades interiores. Até aqui tudo isto me deteve e acobardou; agora, tudo me servirá de plataforma para me erguer até Deus, desembaraçando-me da criatura. Nem verei nelas mais que um convite premente de Deus para me unir mais com Ele por um acto de fé, de amor e de abandono. Até as coisas penosas se me afigurarão favores, porque me obrigarão a sair de mim mesmo para só viver em Deus.

Se até aqui o interesse e as preocupações dominaram a minha vida, doravante viverei num espírito de confiança e de abandono. Outrora, nada me perturbava tanto como as minhas quedas e fraquezas; desde este momento, gloriar-me-ei nelas: «Prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que o poder de Cristo habite

em mim» (II Cor., XII, 9). Servir-me-ei delas para fazer viver Cristo em mim. O processo será sempre o mesmo: consolidando o contacto com Deus, pela fé, esperança e caridade, em detrimento do ser natural. Cristo deve crescer, eu devo desaparecer. «É preciso que Ele cresça e que eu diminua» (João, III, 30). Ele crescerá na medida em que eu me apagar.

Pouco a pouco passarei a dominar desta maneira as contingências, e todos os meus antigos adversários, no futuro, só servirão para me aproximar mais do ideal. Cada vez porei mais à disposição de Deus as minhas faculdades e todo o meu ser; a sua voz falará em mim cada vez com maior nitidez.

E espero que um dia, mercê de uma graça indizível, se realize a fusão da minha alma em Deus: «A minha alma liquefez-se» (Cânt., V, 6). Não descansarei enquanto não atingir este objectivo, que não mais hei-de perder de vista. Todo o tempo perdido será substituído por um aumento de fervor. Fortificar-se-á a fé, a esperança tornar-se-á mais firme, e a caridade mais ardente.

APLICAÇÃO À VIDA PRÁTICA

Como conseguir prolongar a meditação de modo a continuá-la durante todo o dia?

Antes de cada uma das nossas acções, e algumas vezes no decorrer delas, recolher-nos-emos um instante.

Assim, por exemplo, pronunciando as palavras «Ó Deus, vem em meu auxílio», no ofício divino, lançaremos um olhar sobre a nossa vida interior, a fim de lá encontrarmos o hóspede divino. Procederemos do mesmo modo a cada doxologia, a cada *Gloria Patri...* do ofício e do rosário. Renovando este acto, contrairemos o hábito de saudar Deus presente na nossa alma. Chegará o dia em que, de uma vez para sempre, deixaremos de esquecer aquele que trazemos em nós.

O exame de consciência consistirá em projectar calmamente na nossa memória o dia que findou, para nos assegurarmos de que não fomos negligentes e de que não perdemos de vista o Senhor durante muito tempo. Constataremos que caímos precisamente naquelas ocasiões em que não estávamos unidos com Deus.

Quando fizermos uma leitura, bastará que, de tempos a tempos, nem que seja durante o intervalo em que viramos as páginas, façamos incidir a nossa atenção sobre o centro da nossa alma, para aí mantermos o contacto com Deus.

Nem mesmo os momentos de repouso, o passeio por exemplo, se hão-de dar por perdidos para a vida interior. Faremos alguns actos para encontrarmos ou conservarmos a união e permanecermos nesta intimidade simples, neste ambiente divino. Procederemos com Deus como com um amigo muito querido; não trocaremos palavras continuamente, mas sentir-nos-emos felizes por o sabermos e o sentirmos ao nosso lado. E isso basta.

Se nos encontrarmos em qualquer lugar onde sabemos que se não adora a Deus, adorá-lo-emos nós ainda com maior intensidade.

Enquanto seguimos o trabalho da graça, que nos cumpre favorecer com a nossa melhor boa vontade, esforçar-nos-emos por desenvolver em nós esta vida, recorrendo aos meios humanos que temos à nossa disposição; pelo exemplo, pela leitura, pelo estudo, faremos tudo por aprofundar a doutrina da Igreja, especialmente tudo o que diz respeito à filiação adoptiva das almas chamadas à vida divina.

E enfim, e acima de tudo, teremos o cuidado de recorrer, com todo o fervor de que somos capazes, e sempre que possível, aos sacramentos, os meios por excelência. É, com efeito, através da santa humanidade do Senhor que poderemos atingir a sua Divindade. Ninguém chega ao Pai senão por meio do Filho incarnado.

Ele purifica-nos de uma maneira misteriosa pela absolvição, e pela sagrada eucaristia alimenta-nos com a sua humanidade, projecta-nos cada vez mais na divindade com a qual devemos continuar a comunicar, mesmo quando as espécies sacramentais deixaram de estar presentes em nós.

A nossa acção de graças também não acabará com o quarto de hora. A nossa oração será a dos peregrinos de Emaús: «Fica connosco, Senhor» (Luc., XXIV, 29). A sagrada comunhão torna-se assim a origem inesgotável da nossa vida interior, e, como prolonga a sua

acção durante todo o dia, animar-nos-á com um fervor novo.

Ponhamo-nos completamente nas mãos da Virgem Maria, que gera em nós o seu Filho e o fará crescer até à consumação da unidade.

A ESPIRITUALIDADE DO EVANGELHO

A espiritualidade cujos princípios estabelecemos, cujo desenvolvimento esboçámos, não é nova e nenhuma pretensão temos de a apresentar como tal. Muito pelo contrário, gostaríamos que se compreendesse, ao ler o Evangelho, que é o caminho traçado às almas pelo próprio Cristo.

Quando se fala da religião cristã e sobretudo da vida interior, apoiamo-nos em geral insistentemente sobre os deveres que nos incumbem pelas nossas obrigações. Não se mostram suficientemente os tesouros de beleza e de alegria que Deus reserva, na terra, à alma fiel.

Parece-nos que, ao lado do nosso *deve*, conviria fazer figurar o nosso *haver* sobrenatural. Havíamos de ver então que Deus nos pede o pouco que possuímos e somos, para, em compensação, se nos dar Ele próprio, e nos dar a sua vida eterna, feliz e infinita. Este negócio divino está tal e qual no Evangelho, ao passo que muitos autores espirituais, deixando de lado as riquezas que nos são imediatamente prometidas pela generosidade de Cristo, ignoram a verdadeira natureza das nossas relações com Deus.

AS EXIGÊNCIAS DO EVANGELHO

Sem dúvida que é preciso morrer. É a condição necessária para chegar à união. O Antigo Testamento já a mencionou: «Ninguém pode ver Deus sem morrer» (Êx., LXXXIII, 20). É o Senhor quem o afirma com uma força terrível. As exigências do seu amor são cruéis. Pede aos homens um sacrifício total que nenhum doutor de sabedoria humana jamais ousou pedir-lhe. «Se não fizerdes penitência, morrereis todos» (Luc., XIII, 3). «Se alguém quer ser meu discípulo, negue-se a si próprio, tome a sua cruz e siga-me» (Mat., XVI, 24). «Aquele que não depreza o seu pai e a sua mãe... e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo» (Luc., XVI, 26).

Os conselhos dos ascetas mais rigorosos limitam-se a repetir estas objurgações sem reproduzir muitas vezes o tom da sua violência divina. O que nos é exigido, se queremos seguir Cristo, é a imolação de todo o nosso ser, imolação sangrenta e total. A menor restrição, o menor movimento de cálculo, bastam para contrariar os desejos do Senhor, porque Ele «abomina a reserva no holocausto» (Is., LXI, 6). «Aquele que põe as mãos no arado e olha para trás é inapto para o Reino de Deus» (Luc., IX, 62). «Porque sois tíbios, eu vos vomitarei» (Apoc., III, 16).

AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE CRISTO

Estes preceitos e estes conselhos prementes que nos impelem com tanto vigor a morrer para nós mesmos, constituem só um dos lados, o lado negativo, da doutrina do Senhor. Se quisermos conhecer plenamente o seu pensamento, é preciso reler sobretudo o quarto Evangelho. Nos sinópticos, com efeito, o Salvador exprime-se, a maior parte das vezes, em parábolas. É em João (XIV-XVII) que Ele nos manifesta explìcitamente os desígnios do seu amor e nos faz compreender porque exige de nós, com tanto rigor, o sacrifício da nossa vida miserável: é para a substituir pela sua vida divina.

Nunca poderíamos meditar suficientemente estas páginas, que constituem o testamento espiritual do Senhor. À vista delas, bem pálidas e insignificantes se nos afiguram as da maior parte dos autores de espiritualidade. O Evangelho é, de todos os livros ascéticos, o mais severo e o mais imperioso, mas é também mais audacioso, mais seguro e mais generoso no seu convite à vida sobrenatural e nas suas promessas de intimidade com Deus do que todos os tratados de oração mística.

Nestes quatro capítulos de João, Cristo anuncia-nos a sua intenção de nos revelar o supremo segredo da sua doutrina, de nunca mais falar por figuras e por enigmas; e os seus discípulos compreendem-no finalmente: «Não vos falarei mais em parábolas, mas abertamente» (XVI, 29). Podemos pois considerar os discursos

posteriores à Ceia e a oração sacerdotal como resumo e chave de todo o ensino do Senhor.

A necessidade da penitência e da mortificação aparece indicada em alguns dos versículos que lembram as exortações desenvolvidas nos outros evangelhos. Não há amor sem fidelidade aos preceitos que acabámos de citar; não podemos pretender seguir o Senhor, sermos seus amigos, se nos recusamos a levar a sua cruz: «Se me amais, guardai os meus mandamentos» (XIV, 15). «Aquele que tem os meus mandamentos e os segue, esse é que me ama» (XIV, 21). «Vós sois meus amigos se fizerdes o que eu vos peço» (XV, 14).

A obediência aos mandamentos é o sinal que separa do mundo os discípulos escolhidos: «Senhor, como é que vós vos manifestais a nós e não ao mundo?...». E Jesus responde: «Se alguém me ama, observará as minhas palavras...» (XIV, 22 e 23). E estas palavras bastam para justificar a condenação do mundo.

O Senhor não esconde aos apóstolos os sofrimentos e as contrariedades que os esperam no caminho da renúncia: «Se tivésseis sido do mundo, o mundo teria amado o que era seu, mas porque não sois do mundo é que ele vos odeia» (XV, 19). «Dei-lhes a tua palavra e o mundo odiou-os, porque eles não são do mundo, assim como eu também não sou do mundo» (XVII, 14). «Haveis de chorar e gemer e o mundo ficará impassível» (XVI, 20). «Tereis grandes tribulações no mundo, mas tende coragem, eu venci o mundo».

Mas a obediência e a paciência não são fins. «A arte pela arte» é uma forma inaceitável, porque nenhuma coisa criada é fim de si própria e o mesmo acontece com a virtude. A virtude pela virtude é um ideal ao mesmo tempo mesquinho e desencorajador, porque é impossível de realizar. Aquele que deixa o mundo pela vaidade de se querer perfeito ou que luta contra o mundo para se sentir vencedor e conquistar a sua própria estima, nunca atingirá mais que uma nobreza ilusória e voltará a encontrar-se consigo próprio nessas mesmas obras através das quais ele procura deixá-lo.

Se o Senhor quer que façamos o vazio no nosso coração, é para o encher de divino; e esta purificação é sempre incompleta se se não integrar naquela plenitude, da mesma maneira que a vida divina não poderia expandir-se em nós sem fazermos esforço para nos desligarmos das coisas criadas. A morte de nós próprios e a vida em Deus são inseparáveis. Qualquer delas abortaria se lhe faltasse a companhia da outra.

Ouçamos as promessas que Cristo faz àqueles que guardarem as suas palavras, promessas que Ele quer cumprir em cada um de nós, que Ele arde em desejos de realizar com divina impaciência:

«Aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu o amarei e dar-me-ei a conhecer a ele». Nós viremos a ele e nele faremos a nossa morada» (XIV, 21-23).

«Pedirei a meu Pai e Ele vos dará um Consolador que permanecerá convosco eternamente..., Espírito de verdade... Ele permanecerá convosco e estará em vós» (XIV, 16-17).

Esta habitação mútua, esta fusão, esta intimidade deslumbrante com as três pessoas divinas, constitui o objectivo superior que devemos fazer entrever às almas logo desde o princípio da vida espiritual; é esse o desejo e a vontade manifestada pelo Senhor. Não basta impelir as almas *para* um ideal celeste, é preciso fazê-las entrar no Reino de Deus, e fazer-lhes compreender que hoje mesmo se operou a favor delas a devolução desta herança: «O Reino de Deus está entre vós» (Luc., XVII, 21).

Fora desta vida de união com o Senhor, e desta sociedade com o Pai e com o Espírito, que é consequência da primeira, não há vida espiritual fecunda nem verdadeira fecundidade sobrenatural.

«Permanecei em mim e eu em vós... Vós não podeis frutificar se não estiverdes unidos a mim... Aquele que permanece em mim, frutifica abundantemente, porque sem mim vós nada podeis fazer» (XV, 4-5).

«Se alguém não permanecer em mim, será rejeitado como um sarmento cortado à videira... secará e será lançado ao fogo...; mas se permanecerdes em mim, tudo o que pedirdes, obtereis, para glória de meu Pai» (XV, 6-8).

A oração silenciosa das almas unidas com o Senhor

e que vivem da sua vida, é de um poder soberano: «Nessa altura deixareis de pedir-me seja o que for... o Pai vos dará tudo o que lhe pedirdes em meu nome» (XVI, 23). «Já não pedirei mais ao Pai por vós, porque o próprio Pai vos ama, porque vós me amastes e acreditastes que eu vim de Deus» (XVI, 27).

A alma que se abriu ao Verbo divino, que o acolheu como a Santíssima Virgem, torna-se como ela um trono de sabedoria. Cristo faz explìcitamente à alma em que quis habitar com o Pai e com o Espírito a promessa desse dom desconhecido do mundo: «O Espírito Santo vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito» (XVI, 26). «Já vos não chamarei servos, porque o servo ignora o que faz o seu senhor; mas chamar-vos-ei amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai, eu vo-lo fiz conhecer» (XV, 15). «Quando o Espírito de Verdade tiver chegado, ensinar-vos-á toda a verdade» (XVI, 13).

Este conhecimento é a vida eterna começada já no mundo. «A vida eterna é conhecer-vos, a Vós, único Deus verdadeiro, e Àquele que Vós enviastes» (XVII, 3). Porque não se trata de uma ciência teórica, abstracta, mas de uma sabedoria viva, cheia de amor, transbordante de misericórdia, de caridade e de doçura. A torrente do amor divino inunda a alma atenta e fiel, para regressar à sua origem e para se expandir infinitamente sobre as almas. Na medida em que este amor se torna mais generoso e mais intenso, a alma é enriquecida com

conhecimentos mais profundos, que, em contrapartida, fazem crescer a caridade: «Permanecei no meu amor» (XV, 9). «Aquele que me ama será amado pelo meu Pai e eu o amarei e me manifestarei a Ele» (IV, 21).

Quando a inteligência e a vontade estão assim purificadas e ligadas ao seu princípio, quando a alma está encarreirada na vida divina, conhece finalmente a verdadeira alegria: «Eu disse-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós... e para que a vossa alegria seja perfeita. A vossa tristeza transformar-se-á em alegria e ninguém vo-la tirará» (XVI, 20-22). «Eu disse-vos estas coisas para que vós tenhais a paz em mim... Deixo-vos a minha paz. Dou-vos a minha paz...» (XVI, 33; XIV, 27).

Na simplicidade luminosa e na segurança profunda de uma vida divinizada até ao âmago, a alma deleita-se em sentir realizadas em si própria as supremas palavras da oração sacerdotal: «Que eles sejam todos um, como tu, Pai, o és em mim e eu em ti, para que também eles sejam um em nós! Eu dei-lhes a glória que tu me havias dado, para que eles sejam consumados na unidade, e para que o mundo conheça que tu os amaste, como me amaste a mim» (XVII, 21-23).

A TRINDADE E A VIDA INTERIOR

PRÓLOGO

Per Ipsum et cum Ipso et in Ipso, est Tibi Deo Patri omnipotenti, in unitate Spiritus Sancti, omnis honor et gloria.

Que o leitor não espere encontrar nestas páginas um tratado completo do dogma da Trindade. Também não se procurou expor um problema particular da vida interior ou apresentar soluções novas.

Procurou-se, sim, concentrar a atenção sobre as perspectivas sobrenaturais mais gerais. Percorreremos todo o horizonte da fé, com as suas consequências práticas. Partiremos da consideração do princípio — a Trindade, isto é, a vida íntima de Deus — para no fim voltarmos à consumação de todas as coisas neste mesmo mistério. A vida de todas as criaturas e a vida superior do homem apresentar-se-nos-ão com as suas raízes e o seu fim mergulhados na intimidade do ser divino.

PRÓLOGO

É indispensável conhecermos o caminho para chegarmos ao fim. Deus convida-nos a percorrer a estrada que nos conduz a Ele próprio. É preciso conhecer desde já a direcção, para caminharmos com segurança. A contemplação do fim forçará o desejo e este engendrará a confiança, confiança que é a origem de toda a força.

Este ensaio terá atingido o seu objectivo se puder contribuir para nos fazer tomar consciência da nossa dignidade de filhos de Deus. É certo que Deus, nas palavras da Escritura, habita uma luz inacessível (I *Tim.*, VI, *16*). *Mas é verdade também que, graças ao sangue redentor de Cristo, fomos elevados ao estado sobrenatural e nos tornámos filhos de Deus. Com efeito, não disse o Apóstolo: «N'Ele vivemos, e nos movemos, e somos. Também somos da sua raça»? (Act.,* XVII, *28). Filhos e também herdeiros!*

Para nos tornarmos plenamente filhos de Deus, é suficiente e necessário que nos limitemos a viver sob a moção do Espírito de Deus: «Os que são levados pelo

Espírito de Deus, esses são filhos de Deus» (Rom., VIII, *14). E é por este mesmo Espírito que o Pai será nosso Pai:* «Abba Pater». *Mas em nós mesmos trava-se uma luta entre o Espírito de Deus e o espírito próprio. Nada, a não ser este conhecimento do destino sublime, nos dará um vigor tal que nos leve a morrer para nós mesmos. Convencermo-nos da nossa grandeza, será o meio mais seguro de nos fazermos tão pequenos que nada reservemos para nós. Então respiraremos a grandes golfadas esta vida divina, antecipação da nossa felicidade eterna.*

E M D E U S

O DOGMA

Deus é o Ser subsistente por si próprio. A palavra «ser» só lhe convém verdadeiramente a Ele. «Só Deus tem, verdadeiramente, o nome de essência» (São Jerónimo), porque todas as coisas e nós mesmos, comparados com essa substância pura e perfeita, não somos mais que sombras. Eis porque, falando a Moisés, ele se definiu como «Aquele que é». «Tão verdadeiramente possui Deus o ser que o nosso ser, em relação ao d'Ele, é nada» (São Boaventura).

Deus é uno. Possui a unidade de modo sobreeminente ou, para melhor dizer, Ele é a própria unidade, a simplicidade absoluta. Nele não há nenhuma distinção de partes, nenhum acidente, nenhum movimento. «Escuta, Israel, o Senhor teu Deus é uno» (Deut., VI, 4).

E, todavia, este Deus-uno é três Pessoas. Deus é Pai e gera um Filho na unidade da natureza, sem qualquer divisão nem mudança. E do Pai e do Filho procede então

o Espírito Santo. O Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus, e estas três pessoas são um só e mesmo Deus.

E uma coisa não é menos necessária que a outra. A Trindade é tão essencial a Deus como a sua própria Divindade. As processões divinas não se acrescentam à essência já constituída e perfeita: são a própria substância e a própria perfeição de Deus. Ser em três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, é, realmente, a mesma coisa que ser Deus, embora a nossa inteligência se não aperceba da equivalência destas asserções. Uma e outra enunciam portanto a mesma necessidade e, se nós as podemos separar, é porque só conhecemos Deus por processos indirectos, na obscuridade da fé. Temamos medir o mistério com a estreiteza dos nossos conceitos débeis e discursivos.

A eternidade divina é um presente imóvel, em que o Pai gera o Filho e um e outro «espiram» o Espírito Santo. Santo Agostinho compara o Filho ao ar inundado de sol, sempre iluminado, recebendo contìnuamente, por uma espécie de renovação sem mudanças, toda a luz do sol.

A geração divina não teve lugar no princípio do tempo, de uma vez para sempre. É um acto divino ou antes é o Acto divino, eterno e perpétuo, que não cessa mais, que nunca se interrompe, como se não interrompe o Ser divino de quem se não distingue. Presentemente, a todo o momento, este acto realiza-se: o Filho nasce do Pai. «Eu te gerei hoje» (Sal. II, 7).

As Pessoas divinas são relações subsistentes. Nas criaturas, as relações, como a paternidade e a filiação por exemplo, não são mais que acidentes. Afastado este acidente, o pai e o filho continuam a ser para sempre e só homens. Mas em Deus tudo é simples, tudo é subsistente, tudo é Deus. É por isso que, na Trindade, a paternidade é todo o ser do Pai, que é idêntico ao ser divino. E a filiação é todo o ser do Filho. E o mesmo acontece com o Espírito Santo.

Na medida de tudo o que Ele é, o Pai é *ad Filium*, para o Filho, em relação ao seu Filho. E, na medida de tudo o que é, o Filho é *ad Patrem*, para o Pai, em relação ao Pai. Se a visão sobrenatural do nosso espírito fosse suficientemente pura e profunda, veríamos não sòmente a solução perfeita da contradição aparente entre estes dogmas, Deus Uno-Deus Trino, mas a necessidade de incluir um na necessidade do outro. «Cada uma das Pessoas — diz São Gregório Nazianzeno — não se relaciona menos com as outras que consigo mesma; é essa a razão da sua redução à unidade, que ultrapassa infinitamente a nossa inteligência».

As Pessoas divinas são realmente distintas e é por isso que podem existir, de uma para a outra, relações de conhecimento e amor que só podem aplicar-se a personalidades subsistentes. O Pai não é o Filho, o Filho não é o Pai e este dualismo é tão real e tão verdadeiro que bastava para preencher o número exigido pela lei de Israel para o valor de um testemunho: «Se eu julgo, o

meu julgamento é verdadeiro, porque não sou eu só, mas sou eu e o meu Pai que me enviou. E na vossa lei está escrito que o testemunho de duas pessoas é verdadeiro» (João, VIII, 16-17).

Mas, conquanto o Filho seja *outro* em relação ao Pai, não é *outra coisa* — «alius, non aliud» —. Para ser verdadeiramente Filho, é preciso que se oponha ao Pai por uma relação real, mas esta relação fá-lo precisamente convir com o Pai na unidade da natureza, numa unidade mais perfeita do que qualquer unidade concebida pelo homem.

AS ANALOGIAS DO CONHECIMENTO E DO AMOR

Segundo a descrição do Génesis, no sexto dia, antes de criar o homem, Deus pronuncia estas palavras: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança». O verbo, no plural, parece frisar a acção das três Pessoas. Imagens de Deus, trazemos em nós mesmos um certo reflexo da geração divina. Os Santos Padres e os Doutores da Igreja estudaram este sinal da essência cria-nos a fazer uma ideia aproximada das processões que constituem o mistério da Trindade. Sem dúvida que, sem isso, não poderíamos ir além de uma remota analogia.

Não foi sem uma disposição providencial que tais comparações foram esclarecidas por pensadores cristãos

que foram ao mesmo tempo ascetas e santos. A sua origem, a sua antiguidade, a concordância com os textos bíblicos, conferem uma autoridade singular a estas especulações.

Um ser espiritual tem duas operações vitais: conhecer e querer. Sendo Deus o ser em toda a sua plenitude, estas duas operações *pertencem-lhe* por necessidade de essência e de natureza.

A primeira operação vital de Deus é o conhecimento. Por este acto, que é a sua própria essência, Deus produz um conceito perfeito do que Ele conhece perfeitamente, isto é, Ele próprio. É a processão do Verbo ou palavra interior. Nesta palavra divina, Deus define-se de certo modo: o Verbo é a expressão adequada do Pai. A palavra *Logos*, que o designa no primeiro capítulo do Evangelho de São João, significa simultâneamente *palavra* e *razão*. Com efeito, Ele é a razão de Deus e razão de todas as coisas. É no sentido próprio que é denominado: espelho imaculado, imagem de Deus invisível, esplendor da sua glória, figura da sua substância.

Este fruto inteligível do conhecimento divino é chamado ainda «conhecimento gerado» — *notitia genita, Deus intelectus*. Enquanto que d'Ele procede esta representação essencial de si mesmo, perfeitamente igual e semelhante ao seu princípio, na unidade de uma mesma natureza, Deus recebe o nome de Pai, no rigoroso sentido do termo. A paternidade convém a Deus, antes que possa ser atribuída ao homem, e é desta paternidade

divina e primária, que procede e tira o seu nome a paternidade nos céus e na terra. «O Pai, de quem procede toda a paternidade nos céus e na terra» (Ef., III, 15).

O Verbo é pois verdadeiramente o Filho de Deus, consubstancial ao Pai, co-eterno, igualmente todo-poderoso e imenso. A geração é, entre todas as formas de um ser produzir outro ser, a mais perfeita. Porque aquele que gera comunica a sua própria natureza ao ser que gerou, e faz jorrar sobre ele a sua própria vida. Ora, nenhuma perfeição pode faltar a Deus; é por isso que a geração se pode encontrar na divindade: «Não gerarei nada eu, disse o Senhor, eu que dou o poder de gerar?» (Is., LXVI, 9).

Realmente, a geração representa infinitamente mais do que a criação, porque o Criador não se dá Ele mesmo, ao passo que o Pai está no Filho com todo o seu ser e com toda a sua essência...: «O Pai está em mim e eu no Pai» (João, X, 38).

O Verbo ainda recebe *por apropriação* (isto é, em termos que podem convir a outras Pessoas, mas que parecem designá-lo de preferência), os nomes de Verdade e Virtude de Deus. Venera-se no Pai a unidade, a eternidade, o poder; no Filho, a igualdade, a beleza, a sabedoria. Chama-se-lhe ainda, arte divina, vida, aurora. Ele é, com efeito, a manifestação integral da essência divina, é n'Ele que o Pai se conhece, e que nós o conhecermos um dia. «Quem me vê, vê também o meu Pai» (João, XIV, 9). «Se vós me conhecêsseis, conhe-

ceríeis também o meu Pai. Desde agora que o conheceis e já o vistes» (João, XIV, 7).

O Pai e o Filho encontram-se eternamente na beatitude eterna, dão-se um ao outro na unidade mais íntima. Deste santo encontro, surge uma chama imaterial, o ardor do amor infinito, o Espírito Santo. O acto de vontade, com efeito, produz, naquele que quer, uma realidade nova; e é esta realidade, subsistente em Deus e eterna, que constitui a terceira Pessoa da Trindade.

A designação «Amor» convém-lhe totalmente. Ele é o amor com que se amam o Pai e o Filho. Chama-se Espírito, por analogia com o sopro vital que nos anima e marca o ritmo das nossas emoções. É o *Dom* por excelência, porque dar é próprio do amor, e o primeiro dom do amor é o próprio amor. Por apropriação, é-lhe atribuída a bondade. Os Santos Padres chamam-lhe ainda fogo divino, bálsamo espiritual, fonte viva, comunhão do Pai e do Filho. É, com efeito, o beijo que consuma a sua união, o selo da plenitude sobre o mistério das processões divinas.

São Tomás de Aquino resume da seguinte maneira o ciclo das operações divinas *ad intra:* «Há realmente, tanto em nós como em Deus, um certo ciclo nas operações do pensar e do querer; porque a vontade tende para o que foi o princípio do conhecimento. Em nós, o ciclo fecha-se num ponto exterior; o bem externo move a nossa inteligência, a inteligência move a vontade, e a vontade tende, pelo desejo e pelo amor, para o bem exterior. Mas

o ciclo divino fecha-se no próprio Deus. Porque Deus, pensando-se a si próprio, concebe o seu Verbo, que é ao mesmo tempo a razão de todas as coisas que Deus pensa, e como consequência, Deus pensa todas as coisas, pensando-se a si próprio. Depois, partindo do Verbo, Ele ama todas as coisas em si próprio. Houve até quem dissesse: a Unidade gera a Unidade, reflectindo sobre si mesma o seu próprio ardor. Quando o circuito se fecha, nada se lhe pode juntar, e é por isso que não há terceira processão na natureza divina».

E o Doutor Angélico conclui com uma frase que nos descobre a perspectiva de um novo mistério, prolongamento e vibração do mistério da Trindade: «Só fica a haver lugar para o processo externo que se chama criação» (De Pot. Q. IX, art. 9).

A VIDA ÍNTIMA DE DEUS

Estas analogias introduzem-se de certo modo no mistério da Trindade. Talvez possamos agora, alongando até ao infinito os nossos mais elevados pensamentos, tentar conceber uma sombra da felicidade das três Pessoas incriadas.

O Pai exprime-se integralmente no seu Filho, e vê-se nele com uma complacência infinita. Dá-lhe toda a sua substância e reencontra-se n'Ele integralmente; o Filho contempla por sua vez, no Pai, o tesouro inesgotável da essência que Ele mesmo é. «Tu és o meu Filho

dilecto no qual eu pus todas as minhas complacências» (Marc., I, 11). «Tudo o que é teu é meu, tudo o que é meu é teu» (João, XVII, 10).

O pensamento do Pai e do Filho é idêntico, único, absoluto. Uma mesma verdade, uma mesma palavra, diferenciada apenas pelo *Tu* ou pelo *Eu:* «Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai; ninguém conhece o Pai a não ser o Filho» (Mat., XI, 27).

É como que uma mudança eterna e imóvel da luz incriada, como que uma adaptação perfeita de conhecimento e de reconhecimento. «Como o Pai me conhece, eu conheço o Pai» (João, X, 15). O Filho recebe incessantemente a vida do Pai e aí reside todo o seu ser: «Como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também deu ao Filho que tivesse a vida em si mesmo» (João, V, 26).

Quando no mar se encrespam e se encontram duas correntes opostas, a violência do encontro traduz-se numa crista imensa que parece querer escalar o céu. Compara-se muitas vezes o Espírito Divino a esta tromba de água. O Pai e o Filho, essencialmente unidos num mesmo amor, constituem um só princípio da «espiração» do Espírito Santo. O Espírito, que é chamado Santidade de Deus, procede da sua união na mesma unidade essencial, *Charitas de Charitate.* A vida do Pai e do Filho é, portanto, a «espiração» do Espírito no amor, e a vida do Espírito consiste proceder do Pai e do Filho, é a superabundância eterna da caridade sem medida. «A Caridade é o vínculo da perfeição» (Col., III, 14).

Esta reciprocidade de amor infinito, na simplicidade da mesma essência, é a substância do real. Tudo o que nós vemos e tomamos por acontecimentos ou seres, serão porventura e em certo sentido outra coisa que um eco, uma miragem débil e quase apagada desta única realidade?

A vida das três Pessoas pode, portanto, resumir-se nestas palavras: «Deus é amor». «Ser várias Pessoas na mesma divindade é afinal serem três a possuir o mesmo e único amor. É o amor supremo mas com uma propriedade diferente em cada Pessoa. A Pessoa não é outra coisa que o amor supremo com uma propriedade distintiva» (1). Nesta mesma natureza de Deus, considerada como o Amor subsistente, o Doutor que assim fala, Ricardo de São Vítor, e outros depois dele, julgaram encontrar a mais profunda razão analógica das processões divinas. *O amor gera a comunicação.*

«O amor não deixa que a pessoa continue em si mesma. Fá-la sair e passar inteiramente para o objecto amado» (2). A todo o momento o Pai sai inteiramente de si próprio e dá-se ao Filho, e o Filho volta incessantemente ao Pai em toda a sua plenitude, e o Pai e o Filho projectam-se de certo modo no Espírito Santo.

Os Padres gregos insistiram neste mistério. Não sòmente consideraram as Pessoas divinas, a coexistência

(1) Ricardo de S. Vítor. De Trin., Lib., V, cap. 20.
(2) S. Dionísio Areopagita.

estática e a compenetração mútua, mas ainda a efusão e o refluxo eterno das Pessoas na unidade da essência. É esse o sentido original da palavra «perichoresis», que se tem traduzido por «circum-insessão». Designa «a circulação recíproca entre uma coisa e outra, de modo que cada uma chama a outra, embora ao mesmo tempo se lhe oponha».

São com efeito as relações de origem que constituem as Pessoas, que as distinguem e as unem numa mesma natureza: cada Pessoa, na sua singularidade, é toda ela atraída na direcção de uma outra. «Admiremos — diz um teólogo a respeito da «perichoresis» — admiremos esta sublime concepção, que nos mostra o movimento da vida divina, não sòmente nas faculdades de conhecer e de amar, não sòmente no mais profundo da natureza, mas até nos próprios elementos constitutivos do substractum divino. O amor recíproco das três Pessoas... É preciso banir delas toda a ideia de saciedade. «Porque não é só aquela plácida felicidade que gozam em viver sempre juntos, mas antes a alegria própria do instante em que duas pessoas se encontram para nunca mais se separarem» (P. de Régnon).

Os judeus e os sábios da antiguidade pagã veneravam um Deus único e solitário. A revelação ensinou-nos a adorar o nosso Deus, um *nous* vivo em três Pessoas, que se abraçam eternamente. O pensamento humano não teria podido adivinhar este mistério, mas, depois de a graça divina no-lo ter dado a conhecer, o nosso con-

ceito da Primeira Essência tornou-se incomparàvelmente mais rico e profundo. Para aceitar esta ciência nova e pròpriamente divina, precisamos de ultrapassar as categorias da nossa inteligência natural. Foi neste sentido que o profeta entreviu a ciência de Deus invadindo a terra como a maré todo-poderosa de um novo oceano, fazendo transbordar os rios, galgar os diques, inundar as planícies, cobrir as montanhas. «Toda a terra está cheia da ciência do Senhor, tal como as águas cobrem o mar» (Is., XI, 9).

É de notar, com o Cardeal Caetano, que, elevando-nos até Deus mediante as noções criadas, nos enganaremos com certeza, se as não ultrapassarmos todas para nos abismarmos nas trevas da Essência. «Imaginamos a distinção entre o absoluto e o relativo como anterior à realidade divina, o que nos leva a pensar que é preciso subordiná-la a um ou a outro membro daquela divisão. Mas é o inverso que está certo. Porque a realidade divina é anterior ao ser e a todas as suas diferenças. Não há, na realidade divina, por um lado, a unidade da natureza, e, por outro, como um suplemento, a trindade de pessoas, mas uma mesma verdade inesgotável, um mesmo segredo incompreensível, uma mesma necessidade transcendente e soberana».

DE DEUS AO HOMEM

A UNIDADE DOS DESÍGNIOS DE DEUS

Todas as coisas materiais e espirituais, todos os homens e cada um de nós, vivíamos eternamente no pensamento divino. A vida de todos os seres preexistia já no Verbo: «O que foi feito era vida n'Ele» (João, I, 4) (1). Ao gerar o Filho, ao conhecer-se n'Ele, Deus concebeu-nos, chamou-nos, amou-nos, desde toda a eternidade. «O Pai, ao exprimir-se, exprime todas as criaturas» (Santo Anselmo). Por intermédio do Verbo, o Pai diz a si próprio todas as coisas, o Pai e o Filho amam-se um ao outro e amam-nos a nós, por meio do Espírito Santo.

A criação é pois um reflexo exterior, uma imagem móvel e dispersa das riquezas contidas na Essência. O universo, palavra que vibra e se prolonga no tempo e no espaço, é apenas um eco do Verbo incriado. É ainda

(1) [O autor segue neste versículo de São João uma pontuação diferente da habitual, ainda que fortalecida pela autoridade de numerosos Santos Padres] *(N. T.)*.

um segredo seu, o único segredo que Deus pronunciou nesse *Hino dos seis dias*, como lhe chama Santo Agostinho — «toda a beleza do mundo é como que um magno cântico de um músico inefável». E sobretudo o homem. Porque o homem é o resumo e a conclusão de todas as coisas.

Deus só tem um segredo: o seu próprio Ser. O que Ele criou para si próprio, só para Ele, deve de qualquer modo voltar a Ele, e nem as deficiências do pecado poderão perturbar este plano divino que ultrapassa, compreende e reduz ao seu fim tanto os actos das causas livres, como os das causas necessárias.

Adão tinha sido criado para conhecer e amar a Deus. «O homem é o vínculo entre Deus e o mundo». O homem devia aderir a Deus e restituir-lhe o mundo como hóstia de um imenso sacrifício. Mais ainda, Deus tinha elevado Adão à ordem sobrenatural. Tinha-o convidado, consequentemente, a participar da sua vida íntima; tinha preparado nele esse regresso ao ser primeiro que deve completar a obra da criação.

Adão era, portanto, filho de Deus, e o pecado veio romper o liame deste parentesco. A desobediência do homem cavou um abismo entre o Criador e a sua criatura, mas, ao prometer um Redentor, Deus manifestou a sua misericórdia àquele que acabava de ofender a sua justiça e começou a reerguê-lo desde o momento da sua queda. Esta até parece um pretexto para a manifestação dos esplendores da bondade divina. A satisfação da justiça

soberana exigia que um Homem-Deus expiasse o pecado do homem e, como filho do homem, nos reconciliasse com o Pai, por meio do valor infinito da sua expiação, uma vez que era Filho de Deus. Esta maravilha do amor realizou-se. «E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, glória do Filho unigénito, cheio de graça e de verdade» (João, I, 14).

Se considerarmos as realidades que a Providência compôs e a sua ordem de dignidade, podemos seguir, como o Apóstolo nos convida a todo o momento, as grandes linhas do plano providencial. Representam a continuação, num círculo exterior, das processões divinas. «O amor gera a comunicação». É este amor que faz que o Pai se dê ao Filho, e que este no Espírito Santo volte ao Pai; que causou também a criação e a redenção, com o regresso das almas santificadas e tansformadas em Cristo.

As processões tiveram lugar por natureza. Por natureza, o Pai gera o Filho, e um e outro «espiram» o Espírito Santo. Foi, ao contrário, por um acto livre que Deus decidiu, desde toda a eternidade, criar o universo, e decidiu, num único desígnio, criá-lo não sòmente pelo Verbo, mas *para* o Verbo incarnado. A Pessoa de Cristo, com efeito, excede infinitamente em nobreza todas as criaturas terrestres e celestes, e é n'Ele que de facto estas encontram o seu fim, a sua razão de ser, a sua *plenitude*. No pensamento divino, a criação de um homem defectível e a glorificação da humanidade de

Cristo, a permissão da queda e a intenção de lhe dar um Redentor, nunca andaram separadas.

Quando meditarmos nos mistérios da Providência e do amor divino, vejamo-los com simplicidade. Quanto mais simples forem as nossas concepções, mais verdadeiras, mais profundas serão. É na medida da sua simplicidade que elas se hão-de aproximar das concepções divinas.

Quer crie o mundo ou repouse no sétimo dia, quer levante o homem caído, ou o faça participante da sua glória, Deus não muda nunca. Apenas faz uma coisa: ser aquele que é. É o seu Ser que Ele contempla e ama no seu Verbo: «espelho sem mancha». É o seu Verbo que Ele contempla em Cristo com uma infinita complacência: «imagem do Deus invisível». É o seu Cristo que Ele vê e ama nas almas santificadas: «semelhantes à imagem de seu Filho». É com o Verbo que Ele opera em todas as coisas, e é neste mesmo Verbo que elas voltam à sua substância no Espírito Santo.

O Adão que teve de abandonar o paraíso era, além do mais, uma imagem. O Adão arquétipo é o novo Adão. A obra de Deus é Cristo: «*Ecce homo*», o qual é a imagem de Deus invisível, o primogénito de todas as criaturas, no qual foram criadas todas as coisas no céu e na terra, visíveis e invisíveis, os tronos, as dominações, os principados e as potestades; e é por Ele e n'Ele que tudo foi feito, e Ele mesmo é anterior a todos, e tudo subsiste n'Ele, chefe do corpo da Igreja, princípio, primogénito

dos mortos, para que em tudo tenha a primazia. Porque foi do agrado do Pai que n'Ele residisse toda a plenitude e tudo fosse reconciliado n'Ele e por Ele mesmo, ao pacificar, pelo sangue que derramou na cruz, tudo o que existe sobre a terra, tudo o que existe no céu» (Col., I, 13-20).

Foi desta maneira que tudo se restaurou em Cristo, tudo se recapitulou no Verbo, que se encontra eternamente ligado ao Pai na «espiração» do Espírito Santo, na plenitude da Essência.

Diz São Tomás de Aquino que «se deve considerar na criação um certo ciclo, segundo o qual todos os seres voltam ao princípio de onde partiram, de modo que o primeiro princípio é também o seu objectivo final. É preciso, portanto, que estes seres regressem ao seu fim pelas mesmas causas em virtude das quais procederam do princípio. E assim como a processão das Pessoas é a razão da criação, é também a causa do nosso regresso ao fim. Foi pelo Filho e pelo Espírito Santo que nós fomos criados; é portanto por eles que havemos de regressar Àquele que nos fez» (*In* I *Sent. Dist.*, XIV, *q.* 2.).

A PESSOA DE CRISTO

A segunda Pessoa da Santíssima Trindade encarnou. Tomou a nossa natureza, *assumiu*, na linguagem teológica, a natureza humana na unidade da sua pessoa e

do seu ser. Subsistem, portanto, duas naturezas em Cristo, pela subsistência única do Verbo divino.

Os actos que o Verbo praticou pela sua natureza humana chamam-se *teândricos*. Têm o valor e a dignidade correspondente à pessoa que os praticou. Sendo o Filho de Deus infinito, as suas menores acções têm um valor infinito. Realmente, os actos são imputáveis às pessoas — «*actus sunt persnarum*. A menor acção do Verbo incarnado teria sido suficiente para resgatar toda a humanidade. Mas as exigências misteriosas da justiça divina e do amor divino levaram o Filho de Deus a um excesso de amor, que ultrapassa incomensuràvelmente as nossas noções de razão e causa, à «caridade de Cristo que ultrapassa toda a inteligência». Ao obedecer a esta sabedoria, louca aos olhos dos homens, Cristo quis imolar-se até à efusão total do seu sangue. «Obedeceu até à morte e morte de cruz (Fil., II, 8).

A OBRA DE CRISTO

Na oração sacerdotal, após a ceia, Cristo confirma que revelou aos homens um nome desconhecido: «Glorifiquei-vos sobre a terra, consumei, ó Pai, a obra que Vós me tínheis dado a fazer. Revelei o vosso nome aos homens» (João, XVII, 4-6).

Que nome misterioso é esse? Segundo Santo Hilário e São Cirilo, esse nome é o nome de Pai. «A maior obra do

Filho foi dar-nos a conhecer o Pai» (Santo Hilário). Toda a substância da Revelação e da Redenção se resume nisto: abrir ao homem o ciclo divino das relações entre as Pessoas, arrastar as almas na corrente da própria vida de Deus. Não consistiu sòmente em reparar uma falta inicial, como se perdoaria a qualquer escravo que em dado momento se tivesse revoltado, mas mais do que isso: em fazer do servo infiel um filho adoptivo. Tal é a amplitude e a profundidade do gesto misericordioso do amor eterno: «Amei-te com um amor perpétuo, e por isso te atraí cheio de compaixão» (Jer., XXXI, 3).

«Porque sois filhos de Deus, Deus enviou o Espírito de seu Filho aos vossos corações, o qual grita: *Abba, Pater*. É por isso que vós não sois escravos, mas filhos e, por isso mesmo, herdeiros de Deus» (Gál., IV, 6-7. «Bendito seja Deus e o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais e celestes em Cristo, que nos havia escolhido, antes da constituição do mundo, para que nós fôssemos santos e imaculados ao seu olhar que nos predestinou para filhos adoptivos n'Ele mesmo» (Ef., I, 3-6).

A incarnação do Verbo prolonga-se nos sacramentos e sobretudo na eucaristia. O pão da vida não se transforma na nossa natureza à maneira dos alimentos terrenos; pelo contrário, somos nós que nos transformamos nele, segundo o que o Senhor disse a Santo Agostinho: «Não me mudarás em ti, como alimento da tua carne; és tu que te mudarás em mi» (Conf., VII, 10). Pela vida

sacramental e pela vida de oração interior e de contemplação que os sacramentos originam e conservam na nossa alma, eis-nos filhos de Deus, de certo modo identificados com o Verbo, e verdadeiramente divinizados. O Verbo fez-se carne «a fim de dar a todos os que o recebem o poder de se tornarem filhos de Deus» (João, I, 12). «Deus fez-se homem para que os homens se tornassem Deus» (Santo Agostinho).

A acção infinitamente doce e poderosa da Santíssima Virgem Maria, que nos ama e protege como filhos, desenvolve em nós uma semelhança e uma assimilação tais que nos constituem verdadeiramente filhos de Deus. Compreender-se-á melhor o papel co-redentor de Maria se relacionarmos estas asserções: toda a vida sobrenatural consiste em nos tornarmos Cristos, e foi à Santíssima Virgem e só a ela que foi dado o poder de conceber Cristo. É pois, por Maria, em Maria e de Maria que nós recebemos todos os bens espirituais; é ela que nos introduz, como co-redentora, na vida de Deus. «Em ti, por ti e de ti, reconhecemos, na verdade, que tudo quanto recebemos é por ti que o recebemos» (Santo Agostinho).

O cristão toma assim consciência de que está cercado, rodeado, banhado de todos os lados pela realidade divina: «Nele vivemos, nos movemos e somos» (Act., XVII, 28). Mais ainda, o cristão entra verdadeiramente nesta realidade, penetra na intimidade de Deus. É filho do Pai, não por metáfora, como simples acidente de denominação hiperbólica, mas como o afirma São João:

«Considerai o amor imenso que o Pai nos testemunhou ao permitir que nós pudéssemos chamar-nos filhos de Deus o sejamos na realidade: *ut filii Dei nominemur et simus*» (I João, III, 1). «Aqueles que Deus conheceu na sua providência, destinou-os para se tornarem conformes à imagem de seu Filho, para que este fosse o primogénito entre muitos irmãos» (Rom., VIII, 29).

Jesus é, pois, nosso irmão. Do mesmo modo, o Espírito Santo é o nosso Espírito. «Aquele que não tem o Espírito de Cristo, não é de Cristo» (Rom., VIII, 9). É Ele que ora, que fala em nós, que nos revela os mistérios da verdade divina, que nos vivifica essencialmente, fazendo-nos participar da respiração divina. «Deus enviou o Espírito de seu Filho aos nossos corações» (Gál., IV, 6). «Não sois vós que falais, mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós» (Mat., X, 20). «Ao contemplarmos de cara descoberta, como num espelho, a glória do Senhor, transformamo-nos na sua imagem, de perfeição em perfeição, por acção do seu Espírito» (II Cor., III, 18).

Pela santa humanidade do Verbo encarnado, a alma eleva-se até à divindade. Então sentir-se-á esmagada pela justiça divina, mas, atraída imediatamente pela misericórdia, lançar-se-á no amor, onde há-de contemplar para sempre a beleza, a bondade e a verdade eternas.

Reconciliados por intermédio de Cristo e em Cristo, temos acesso ao Pai pelo Espírito Santo. «*Per ipsum habemus accesum ambo in uno Spiritu ad Patrem*» (Ef., II, 18).

Aqui temos o resumo da economia de todos os mistérios divinos revelados no tempo. Criação, incarnação, glorificação, redenção, todos estes milagres do amor limitam-se a evidenciar o mistério do amor infinito — uno em três Pessoas. «Escondido nos séculos dos séculos, mas revelado presentemente aos santos» (Col., I, 26).

A vida divina jorra assim sobre nós com uma liberalidade incompreensível. Se este fluxo de caridade não penetrar no nosso coração, é porque ele se encontra entorpecido por vaidades criadas. A luz divina é a suprema evidência, e, se nós a não vemos, é porque a nossa própria vida, a vida enferma do eu, nos mantém na cegueira: «O homem não pode ver Deus sem morrer» (Êx., XXXIII, 20).

Teremos assim, numa primeira fase espiritual, de nos esvaziarmos de nós próprios, por meio de uma luta incessante e sem tréguas contra todas as formas do amor próprio.

Porque o pecado, ao desfazer a aliança do Criador com os seres criados, destruiu toda a harmonia interna destes. Separada da sua origem, toda a nossa vida está desorientada e perturbada. Revoltámo-nos contra Deus e é por isso que os sentidos se revoltam contra a razão. Em vez de mantermos sob a acção da luz divina o nosso rosto,

que tem tendência natural para se erguer para o céu — «*os hominis sublime...*» — curvamo-nos para a terra, e a concupiscência das realidades materiais domina-nos. Mas Deus tinha feito o homem recto, como diz o Eclesiastes, e é com o fim de voltarmos a encontrar essa rectidão que havemos de lutar contra a natureza falseada, contra os nossos sentidos desvairados: «Castigo o meu corpo e submeto-o à servidão» (I Cor., IX, 27). «Aquele que me quiser seguir, tome a sua cruz todos os dias, e siga-me» (Luc., IX, 23).

Mas não é num instante que se atinge tal objectivo. É preciso que cada um de nós suba pacientemente o seu Calvário, que se estenda sobre a cruz do sacrifício para uma longa agonia e se esforce por morrer com toda a sua natureza pecadora. Uma atenção teimosa e ininterrupta é necessária para este trabalho de purificação; mesmo quando pensamos ter a vitória nas mãos, ainda nessa altura devemos exercer uma vigilância apertada sobre nós mesmos. Porque as forças interiores do nosso ser continuam prontas para a rebelião, e num pequeno momento de distracção vê-las-emos de novo revelar o domínio tirânico que tanto tempo suportámos. Com coragem e firmeza, havemos de beber o cálice mortal onde o nosso irmão mais velho mergulhou antes de nós os seus divinos lábios, e inclinar-nos-emos sobre a espada ainda tinta de sangue do Cordeiro. «Nós somos semelhantes a ovelhas que se imolam e todos os dias caminhamos para o matadouro (Salmo, XLIII, 22).

O corpo não é aliás o nosso inimigo mais poderoso, nem o mais renaz. O pecado penetra em nós muito mais profundamente e deposita o orgulho mesmo no centro do nosso espírito. É lá que o amor próprio esconde as suas raízes inacessíveis e, embora pareçamos mortos exteriormente para nós próprios, devemos todavia reconhecer que o gérmen interno do mal nada perdeu da sua virulência. O grande combate entre o espírito de Deus e o espírito próprio travar-se-á no nosso coração, e o resultado feliz ou infeliz desse combate é que há-de fixar o nosso destino.

Todo o homem que quer viver de harmonia com a sua dignidade de ser racional, é obrigado a suportar esta luta. Os sábios da antiguidade deram o exemplo, mas o combate em que a natureza só procurava triunfar da natureza, tinha fatalmente de conduzir a essa estima mal separada deles próprios, e a essa vaidade petulante, limite da virtude dos maiores estóicos. Para nós, os meios são-nos indicados pela revelação, que nos chama à herança divina e é só de Cristo que eles nos podem vir. Nunca de outro lado.

Seria nefasta a ilusão daqueles que julgassem poder elevar-se, pelos seus próprios esforços, à vida superior a que somos convidados na ordem sobrenatural. Certamente que temos de fazer esforços, mas é a graça que os provoca, e é ela que os acompanha e apoia e que finalmente os coroa. «É Deus quem opera em nós o querer e o fazer» (Fil., II, 13). «Ele salvou-nos, não de acordo

com os nossos actos justos, mas de harmonia com a sua misericórdia» (Tit., III, 5).

Compreender esta doutrina é uma das maiores graças que poderemos receber da liberalidade divina. E este conhecimento do nosso nada é ao mesmo tempo o mais gratuito dos dons e a recompensa que premeia necessàriamente o esforço generoso e persistente. Nas lutas connosco próprios, decerto que alcançaremos algumas vitórias, mas se levarmos mais longe os nossos esforços, cada vez tomaremos mais consciência da imensa tarefa que nos cabe ainda realizar e da insuficiência ridícula das nossas precárias conquistas.

É então que nos voltaremos integralmente para Deus, e, doravante, na certeza de que nada podemos, abandonar-nos-emos à sua acção omnipotente e benéfica; certos do nosso nada, perder-nos-emos na certeza de que Ele é tudo.

Mesmo as nossas quedas e as nossas faltas tornar-se-ão pretexto e ocasião para uma vitória mais firme. E as lágrimas em que tivermos lavado as nossas faltas serão o baptismo inicial de uma vida de abandono e de confiança pura; a nossa fraqueza será a nossa força. «Gloriar-me-ei nas minhas enfermidades, para que habite em mim a virtude de Cristo, e é precisamente quando sou fraco que me sinto forte» (II Cor., XII, 9). «Basta-te a minha graça...» (II Cor., XII, 9). «Tudo posso naquele que me conforta» (Fil., IV, 13).

Cristo não nos dá sòmente os meios para atingirmos

o nosso objectivo; é através d'Ele próprio que havemos de passar: «Eu sou a porta». «Eu sou o caminho». «Ninguém chega ao Pai a não ser por meio do Filho» (João, XVI, 6).

A nossa intimidade com Cristo purificar-nos-á. São os corações puros que na terra *verão a Deus*. Abrir-se-ão os nossos olhos interiores e começaremos a entrever a luz eterna: «a luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo». Teremos enfim a coragem de nos deixarmos aprisionar totalmente por Deus, e Aquele que já hoje é a nossa via, manifestar-se-nos-á como verdade e vida. «Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem tu enviaste» (João, XVII, 3).

Mortos desta maneira para nós mesmos, começaremos a viver em Deus. «Se o grão de trigo cai na terra e não morrer, permanecerá infecundo; mas pelo contrário, se morrer, dará fruto abundante» (João, XII, 24-25). «Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá» (João, XI, 25).

Depois de termos suportado todas as provas desta primeira parte do caminho que leva à união divina, ouviremos a voz do Senhor: «Amigo, sobe mais alto!» (Luc., XIV, 10).

Então, o sopro do Espírito encherá a nossa alma dos dons e das virtudes que a hão-de purificar e enobrecer, como bálsamos divinos. «Levanta-te, aquilão; vem, vento sul. Soprai sobre o meu jardim, e espalhar-se-ão os seus

perfumes» (Cânt., IV, 16). A alma torna-se assim penetrável à luz incriada. Iluminados e abrasados por estes raios sobrenaturais, começaremos já aqui na terra a saborear a herança dos filhos: «Que o Pai da glória nos dê o espírito de sabedoria e de revelação, para que vós o reconheçais, iluminando a vossa visão interior, a fim de que saibais qual é a esperança a que Ele vos chamou, e as riquezas da glória reservada aos santos, e a imensidade do seu poder em nós» (Ef., I, 17-19). «O Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. Mas, se somos filhos, somos herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, com a condição todavia de sofrermos com Ele para com Ele sermos glorificados» (Rom., VIII, 16-17).

Podemos pois, como o Apóstolo se não cansa de repetir, ser já aqui na terra filhos de Deus, e tornar-nos, por graça e participação, naquilo que Deus é por natureza: «Participantes da natureza divina» (II Ped., 1-4).

Esta transformação da alma começou já em todo o homem que foi purificado do pecado pelos sacramentos; mas, naqueles que percorrem até ao seu termo a vida de santidade, ela atinge uma consumação misteriosa, que é impossível de definir, uma vez que parece à alma que já não é ela mesma: «Eu vivo, ou antes não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim» (Gál., II, 20).

Chegada a este grau de união, a alma, cheia de luz e ébria de amor, já não encontra termos adequados para exprimir o que vive. Os textos das Escrituras, ganham para ela um novo brilho e um sabor outrora desconhecido.

A filiação divina adoptiva do cristão não passa muitas vezes de um tema banal para os teólogos da graça; mas as mesmas teses que enunciam as prerro-

gativas do justo têm um valor totalmente diferente para aquele que, preparado para uma existência de renúncia e de contemplação, tem consciência plena da inabitação das Pessoas divinas. A vida divina é como um fruto cuja beleza muitos podem entrever; mas só pode apreciar a sua doçura a alma morta para si própria e generosamente fiel: «O seu fruto é doce à minha boca» (Cânt., II, 3).

Sem dúvida que a alma permanece absolutamente distinta de Deus tanto na sua substância como nas suas operações, mas é transformada n'Ele pela fé e pelo amor: «Pela fé e pela caridade unimo-nos a Cristo e somos transformados n'Ele» (S. Tomás. *In Ioan,* VI L. 7). E, pelo mesmo título, aquilo que em termos absolutos se diz do Filho único, convém por participação — segundo a união do amor — aos filhos adoptivos que n'Ele estão incorporados.

Quando aqueles que gozam da união divina falam do seu estado interior, poderia às vezes parecer que se julgam livres dos limites inerentes à sua condição de criaturas, ou da fraqueza de que a natureza humana nunca chega a despojar-se cá na terra. Mas é necessário compreender a linguagem das almas que se esquecem da sua condição humana e se voltam inteiramente para o objectivo divino que as absorve: «Se dissermos que não temos pecados — diz humildemente São João — enganamo-nos a nós próprios e a verdade não está em nós» (I João, I, 8).

E, no entanto, «àqueles que não nasceram do sangue nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus, foi dado o poder de se tornarem filhos de Deus» (João, I, 13-12). E assim, precisamente porque nascemos de Deus, precisamente porque recebemos o Espírito Santo e com Ele a vida divina, saboreamos já a vitória eterna de que o próprio João nos falou como de uma alegria presente:

«O Espírito Santo é uma semente espiritual que procede do Pai, e é por isso que Ele pode gerar em nós a vida divina e fazer de nós filhos de Deus. Aquele que nasceu de Deus não peca, porque a semente de Deus permanece nele (e não pode pecar porque nasceu de Deus)» (1).

Na alma que se abandona e consente nesse sacrifício total em que se consuma toda a caridade, realiza-se cada vez mais plenamente esta geração espiritual que não é nada menos que uma semelhança absolutamente sobrenatural com a geração eterna do Verbo.

Semelhante alma não pertence às gerações da terra, já não é filha da carne nem da sua própria vontade; a cada instante nasce de Deus. Vive da vida divina, conhece Deus com a mesma ciência com que Ele se conhece, ama-o com o amor com que Ele se ama; transformou-se em Verdade, em louvor perfeito, é pronun-

(1) I João, III-9; São Tomás, *Ep. ad Romanos*, VIII.

ciada com o Verbo, até que se torna como o arquétipo incluído desde toda a eternidade na vontade divina: é precisamente «aquilo que Deus quer».

Verifica-se nela a palavra dos livros inspirados: «Habitei em ti porque te escolhi; tu serás o meu reclínio para toda a eternidade: como o esposo se deleita com a esposa, tu serás a alegria do teu Deus» (Is., LXII, 5).

Uma alma transformada em Cristo é obediente: a sua submissão ao Pai é espontânea como as pulsações do coração. Segue os impulsos divinos sem desvio e sem cálculo, com um movimento tão directo e tão pronto que o mundo se espanta; porque os caminhos do mundo são tortuosos e os passos da prudência humana são incertos. Mas aquele que vive na humildade perfeita, é perfeitamente dúctil sob a inspiração misteriosa do Espírito. «Aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus» (Rom., VIII, 14).

A alma escuta as palavras divinas — «Maria ouvia a palavra do Senhor». Empenha-se nesta ocupação santa de que nunca será privada — «*quae non auferetur ab ea*». Afastada das solicitudes criadas, abandona-se totalmente à vontade divina e permanece silenciosa; de tal modo silenciosa que, por instantes, esquece-se de si mesma, e até do seu próprio nome: «Um novo nome te será dado, nome que a boca do Senhor pronunciará; tu serás chamada a Minha Vontade, porque o Senhor se deleitou em ti» (Is., LXII, 4).

É uma espécie de milagre perpétuo, de que os outros são simples figuras: a multiplicação da Vida. O amor divino expande-se sobre todas as almas e, sem de nenhum modo se esgotar ou se dividir, cumula-as de riquezas essenciais. Cada um dos filhos de Deus recebe a plenitude das graças de que tem necessidade, e pode atingir o equilíbrio da luz e do desejo.

É certo que o acto de uma criatura permanece sempre finito, mas o objecto divino, cuja plenitude ela goza, é infinito. É por isso que a alma está como que saturada e, segundo as palavras dos místicos, «parece-lhe ter todos os direitos, todas as prerrogativas do Filho Único» (Consummata); «só vê a unidade» (Suso); «A minha pomba, a minha perfeita bem-amada, é única» (Cant., VI, 9).

Todos os tesouros divinos cujo segredo esta alma guarda, todas as graças de que foi enriquecida, estão para ela compreendidas numa só palavra: «Eis o meu filho bem-amado».

Realmente, vivemos num mundo de enigmas. Deus habita em nós numa presença sempre oculta; é numa sombra profunda que, através do seu amor, Ele se manifesta às almas que vivem unidas a Ele. Os doutores falam muito justamente «de uma vivência íntima que, ainda que obscura, nos faz sentir que a nossa alma vive da sua conjunção com uma vida superior e nos faz deleitar-nos formalmente nas Pessoas divinas» (1), mas

(1) João de S. Tomás, em I p. q. 43, disp. 17, num. 14).

por detrás de um véu que jamais se rasgará na terra. Foi-nos concedido «saborear Deus, *pati divina,* de modo experimental» (*Ib.*, n. 12), mas sòmente na obscuridade: «O Bem-Amado está presente em nós *quasi stans post parietem,* como o esposo dos Cânticos, «atrás da muralha» (*Ib.*). «Vós sois um Deus escondido» (Is., XLV, 15).

Contudo, a alma dócil aos ensinamentos de Cristo compreende estas palavras: «Tudo o que aprendi de meu Pai, eu vo-lo dei a conhecer» (João, XV, 15). Na fé, nas incoercíveis trevas da fé pura, Deus dá-lhe um pressentimento destas verdades escondidas nele próprio, que serão um dia a nossa felicidade. Este «tudo» que Cristo deu a conhecer — diz São Gregório Magno — «são as alegrias interiores da caridade e as alegrias do céu, que Ele nos manifesta no dia a dia pelas inspirações do seu amor.

Pelo facto de amarmos todos os bens eternos, já os conhecemos; porque o próprio amor é um conhecimento — *quia ipse amor notitia est.* «Eu te darei os tesouros escondidos e os segredos dos mistérios» (Is., XLV, 3). «A sabedoria misteriosa de Deus, escondida e predestinada antes dos séculos para a nossa glória. Coisa que os nossos olhos não viram, nem o ouvido pressentiu, nem o coração adivinhou, Deus no-la revelou por intermédio do seu Espírito; porque o Espírito perscruta todas as coisas, mesmo os arcanos de Deus» (I Cor., II, 7-10).

Esta sabedoria é o reflexo, na inteligência, da caridade de que a alma está totalmente penetrada como de um

fogo que a consome e diviniza. *In fuoco amor me misse,* ou melhor, com Santa Catarina de Sena: *La mia natura è fuoco.* Basta-lhe viver, isto é, arder, para provocar incêndio junto e longe dela. Porque, «nem mesmo o mar poderá extinguir a caridade... Os seus ardores são incêndios de fogo e de chamas» (Cânt., VIII, 16). «Eu vim trazer fogo à terra e que quero senão que se ateie?» (Luc., XII, 49). «O nosso Deus é um fogo devorador» (Deut., IV, 24).

Que uma tal alma nada produza diante dos homens ou que se esgote em mil trabalhos, pouco importa aos seus próprios olhos: na realidade, ela só faz uma coisa: viver de Deus. Essa é a sua tarefa. É o Pai que opera nela: «O Pai que permanece em mim, é quem faz as obras» (João, XIV, 10).

Esta alma é, pois, «simples com o Simples» e, se mergulhar o olhar em si própria, descobrirá no seu interior um abismo de simplicidade que nada pode perturbar. É esta mesma simplicidade que constitui a sua força, a sua riqueza e a sua alegria inesgotável. «Quem me dará as asas da pomba para que eu possa voar e descansar?» (Sal., LIV, 7). «Sede simples como pombas» (Mat., X, 16).

Por ser simples é que a alma é estável. Ninguém sobre a terra está completamente isento de tentações e de faltas: mas quando, por um excesso da bondade divina, o nosso olhar penetrar no mistério da nossa filiação divina em nós mesmos, deixaremos de sentir medo. «A caridade

perfeita não tem medo de nada» (I João, IV, 18). «Tenho a certeza de que nem a morte nem a vida me poderão separar da caridade de Cristo» (Rom., VIII, 38).

A alma que se deu ao Amor possui este dom embriagador: não tem por adversários ou inimigos senão coisas mortais, isto é, coisas que não existem. E quem ela tomou por amigo e por esposo, aquele que passou a ser o seu centro e a sua forma, o seu tudo e o seu único, *é aquele que É.*

Ri-se, com o Apóstolo, da vida e da morte, do presente e do futuro, dos principados e das potestades: porque a sua alegria é mais vasta do que os oceanos e a sua paz mais profunda que todos os abismos. Nada a perturba.

O espírito do homem tem sede de ultrapassar os objectos finitos. Só respira livremente quando pode elevar-se acima do tempo, do número e do espaço. Nós somos enfermos, os nossos olhos estão doentes enquanto se não voltarem para o Sol do Ser. Mas quando a inteligência está finalmente cheia de eternidade, torna a encontrar aquela santidade deliciosa, aquele equilíbrio edénico que há muito lhe despertava uma obscura nostalgia. «Enraizados e alicerçados na caridade, podemos então compreender com todos os santos, a amplidão, a profundidade, o comprimento e a altura. Possuímos a ciência da caridade sobreeminente de Cristo, estamos cheios de toda a plenitude de Deus» (Ef., III, 17-19).

O brilho destes focos de caridade é incalculável

porque, em virtude da sua união com Cristo, essas almas são rainhas, como Ele é Rei. Tais almas salvam o mundo.

Agindo ùnicamente em Deus, com Ele e por Ele, o homem de oração situa-se no centro dos corações, influi sobre todos, dá a todos a plenitude da graça de que ele está informado. «Aquele que acredita em mim, correrão do seu seio rios de água viva», diz o Senhor. «Ele dizia isto — acrescentou João — do Espírito que deviam receber aqueles que acreditam nele» (VII, 38-39). Sendo perfeitamente homem, vê realizar-se no seu íntimo o desejo da humanidade: uno com Cristo, transforma-se de certo modo no próprio Bem-Amado, o desejado das colinas eternas.

Com muito mais razão que o poeta latino, ele pode dizer que é homem, que nada do que é humano lhe é estranho. Tem tesouros para todas as misérias, vinho e leite para todos os sequiosos, bálsamos sagrados para todas as feridas.

Aquele que se perdeu na intimidade da Essência divina e se deixa guiar com Jesus de acordo com a vontade do Pai, esse torna-se um consolador. Dá às almas, sem se ressarcir, a alegria eterna de que se inebria. Ilumina e aquece o mundo porque só se preocupa com Deus. Podem-se-lhe aplicar as palavras proféticas: «O Espírito do Senhor paira sobre mim, porque eu recebi a unção divina. Enviou-me para evangelizar os pobres, curar os corações, anunciar o perdão aos cativos e a libertação aos presos» (Is., LXI, 1)

Quem possui Deus, possui todas as coisas n'Ele: os arcanjos e os grãos de pó, os séculos passados e os séculos futuros. São Tomás de Aquino não receia aplicar à alma santa as palavras do Salmo VIII: «Submeteste tudo a seus pés» na passagem do comentário da Epístola aos Coríntios em que se explica este versículo: «O mundo, a vida e a morte, as coisas presentes e as coisas futuras... tudo é vosso» (I Cor., III, 22).

O equilíbrio da alma que encontrou de verdade Deus nela mesma, e se abismou n'Ele, desafia todas as potências criadas. Está doravante colocada no centro único onde vêm convergir as linhas de força da Providência. Outrora, esta alma dependia das circunstâncias e dos acontecimentos; mas parece agora que todas as coisas a servem e lhe obedecem: «Tudo o que se passa neste mundo, diz o Doutor Angélico, concorre para a ordem universal, e por isso não existe nada que não tenha por fim aquelas cumiadas cuja nobreza ultrapassa toda a criação: os santos de Deus, visto que a cada um deles se aplicam as palavras que se encontram em Mateus (XXIV, 47): «*Super omnia bona sua constituet eum*», e estas palavras de Paulo: «Para os que amam Deus, nós sabemos que tudo coopera para bem deles; para aqueles, quero dizer, que segundo os desígnios de Deus são chamados à santidade» (1).

(1) In *Ep. a Rom.*, VIII, 1-6.

O espírito, totalmente penetrado da luz do Verbo, goza desde então de uma grande liberdade. Mantém-se acima dos juízos e das opiniões do mundo; porque, na claridade em que Deus o colocou, a fatuidade destas coisas aparece-lhe com uma evidência que não permite hesitações. «Ele sabe como são vãos os pensamentos dos homens» (Sal. XCIII, 11). «Vós conhecereis a verdade, e a verdade vos fará livres» (João, VIII, 32).

Assim transformada, a alma domina as flutuações do egoísmo e das complacências interesseiras: não tem tristezas nem consolações próprias. Não tem outro fim que não seja a maior glória do Pai, e aplica-se com todas as suas forças a servi-lo: «Que outro bem terei eu no céu, que poderei eu querer sobre a terra, senão tu mesmo?» (Salmo, LXXII, 25).

O homem deificado actua num segredo profundo, porque a sua vida está sepultada com Cristo em Deus: «A vossa vida está escondida com Cristo em Deus» (Col., III, 3). Está escondido dos olhares dos homens, mas sente-se conhecido de Deus e sabe que Deus se reconhece nele. «Assim como o Pai me conhece, assim eu o conheço» (João, X, 15). O Espírito faz-lhe dizer sem cessar «*Abba, Pater*» e toda a sua vida se reduz a reconhecer essa paternidade. Esta expressão do fundo da alma é uma oferta que o Pai agradece acima de tudo. «Eu digo o que o Pai me ensina, e Ele nunca me deixa só, porque eu faço sempre o que lhe agrada».

Todas as almas enobrecidas pela dignidade de «filhos de Deus» unem-se, pela comunhão dos santos, para constituir o corpo místico de Cristo. Cada uma delas representa a humanidade inteira, cada uma é um Cristo. E a sua união constitui um só Cristo, o Filho único, no qual todas as coisas são reconduzidas ao Pai. «Eis o sacramento da vontade de Deus, segundo os desígnios que ele trazia nele mesmo: no termo da plenitude dos tempos, instaurar todos os seres em Cristo, tudo o que existe no Céu e sobre a terra e n'Ele próprio, no qual nós fomos chamados para constituirmos o louvor da sua glória» (Ef., I, 9-12).

Eis a aurora da vida eterna. Esta vida que a alma transformada começa a viver cá na terra, é uma comparticipação da vida das três Pessoas. Mas, da intimidade misteriosa dessa comunicação da vida divina, nós na realidade ainda nada dissemos. Nem o tentaremos fazer por nós mesmos. Não devemos ter a veleidade de levantar com a nossa mão temerária o véu que envolve a glória da alma santa. «Haverá uma protecção sobre toda a sua glória» (Is., IV, 5). Querer exprimir em palavras sem autoridade o carácter absoluto desta união eterna que o amor silencioso exige, antecipa e possui já, seria uma profanação. Deixemos pois aquele a quem a Igreja chama o seu Doutor Místico pronunciar as palavras que nos conduzirão à antecâmara do último segredo:

«Só no céu é que a alma saberá como é conhecida por Deus, é que ela o amará como é amada. Nessa altura,

com efeito, o seu amor será o próprio amor de Deus. A alma amará Deus com a vontade e a força de Deus. Só haverá um amor: o amor de Deus. Enquanto a alma lá não chegar, não estará satisfeita...» (1).

«É pelo Espírito Santo que a alma, no céu, será capaz de produzir em Deus o mesmo eflúvio de amor que o Pai produz com o Filho e o Filho com o Pai: este eflúvio é o Espírito Santo. A transformação da alma não será nem real nem completa se a não obtiver num grau elevado nas três Pessoas da Santíssima Trindade. Mesmo quando esta comunhão é recebida na terra, continua inexprimível, porque a alma unida a Deus, transformada n'Ele, aspira Deus em Deus, e esta aspiração é a própria aspiração divina» (2).

«Desde que Deus, pela sua graça, uniu a alma à Santíssima Trindade, o que a torna deiforme e Deus por participação, haverá algo de extraordinário se ela completar a sua obra de conhecimento e de amor na Trindade, em conjunto com ela, e como a própria Trindade? Não foi para permitir à alma esperar uma tal vida que Deus a criou à sua imagem e semelhança? Mas nenhuma ciência, nenhum poder intelectual pode explicar este mistério...».

---

(1) S. João da Cruz, Cant. Espir. Estr., 38.
(2) *Ib.*

«O Filho de Deus obteve-nos uma tal graça ao dar-nos o poder de nos tornarmos filhos de Deus. Pediu-o expressamente a seu Pai: «*Pater, quos dedisti mihi, volo ut ubi sum ego et illi sint mecum*» (João, XVII, 24). O que quer dizer: que eles consumam em nós por participação o que eu faço por natureza, isto é, que aspirem o Espírito Santo».

E continua: «Eu não peço por eles sòmente, mas por todos os que acreditarem nas minhas palavras, para que todos sejam um, como tu, meu Pai, o és em mim e eu em ti, para que eles sejam um em nós. Eu estarei neles e tu em mim, para que tu os consumas na unidade. Eu peço por aqueles que tu me deste, porque eles são teus. Tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu e eu sou glorificado neles. Pai Santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um como nós somos um» (1).

O Espírito e a Esposa dizem: Vem! Que aquele que ouve, diga: Vem! «Eis que eu venho sem demora e a minha recompensa vem comigo». Vem, Senhor Jesus, vem!

(1) João, XVII; São João da Cruz, Cant. Esp. Estr., 39.

SERMÕES CAPITULARES

NA OITAVA DA PURIFICAÇÃO

No próprio dia da Purificação, convidaram-vos a meditar neste mistério, mas afigura-se-me que o podemos fazer uma vez mais.

Foi da humildade de Maria que então se falou, e também se poderia ver na Purificação a festa da luz e mostrar a relação que a Igreja quis estabelecer entre as palavras de Simeão e a bênção do fogo. Mas hoje queremos lembrar-vos um mistério mais profundo e contemplar na Purificação a festa do sacerdócio da Santíssima Virgem.

Consideremos em primeiro lugar o que conhecemos pela Escritura acerca dos gestos de Maria nesse dia. Chega diante do templo uma jovem mãe, de dezasseis anos talvez, envolta nos véus sob os quais guarda o Menino Jesus. José, seu esposo e guardião, acompanha-a, trazendo duas rolas numa gaiola e cinco moedas de prata numa bolsa. Se pudéssemos imitar o seu recolhimento e adivinhar os seus pensamentos! Diante do vestíbulo do Templo, dá

uma rola aos sacerdotes e é aspergida com água lustral. Depois, sobe mais degraus para oferecer as cinco moedas de prata e a outra rola. Finalmente, entra no Templo, e ei-la em presença do Pai para quem ela estende o seu Filho — o Filho de Deus e seu filho. E, nesse pequenino ser, ela sabe que está contida toda a humanidade: todos os esforços, todos os sofrimentos, todas as alegrias dos cristãos, estão já no coração de Jesus, e Maria oferece ao Pai todos os filhos que há-de ter. Pensa nisso, com certeza, sabe que o seu gesto tem um alcance e um valor infinitos. Nesse minuto, já ela nos amava no seu coração virginal e nos oferecia ao Pai.

Verdadeiramente, toda a nossa vida deve consistir em nos prepararmos para sermos oferecidos desse modo. Todas as nossas acções e pensamentos devem ser tais que a Virgem Santa os possa apresentar a Deus.

A primeira condição para chegar a esta dádiva sublime, é levar uma vida pura e recta. Para nós, cartuxos, a rectidão está evidentemente no caminho traçado pela regra. É uma grande vantagem viver uma vida simples como a nossa, onde as dificuldades, as intrigas e as ambições que perturbam o coração do homem do mundo, não têm lugar. A nossa vida é como o pão ázimo inteiramente puro, completamente branco, que o sacerdote vai consagrar. Um cartuxo que cumpra simplesmente o seu dever, está pronto para esta oferenda, para esta consagração.

A segunda exigência é a solidão do coração. O nosso

coração é um templo maior que o de Jerusalém. Devemos estar neste templo a sós com Deus e com a Virgem Santa; porque a Virgem não perturba a solidão com Deus; ao contrário, assegura-a. É preciso que reine um grande silêncio e uma grande paz; sobretudo, que se evitem as discussões. Se estivermos descontentes com os nossos superiores ou com os nossos companheiros, se fizermos juízos sobre eles, se estivermos interiormente ocupados em nos queixar, em comparar situações e homens, então o templo do nosso coração não estará tranquilo; não poderá efectuar-se o sacrifício do que fazemos ou do que somos.

Nada de curiosidade, nem muito menos impaciências. Não só o nosso coração não deve estar ocupado por preocupações estranhas, como é preciso que o não esteja inclusivamente pelas próprias. É certo que devemos lamentar os nossos pecados e sobretudo fazer o possível por ser cada vez melhores, mas a ideia das nossas imperfeições de modo algum nos deve preocupar; é em Deus que devemos pensar e não em nós mesmos. Felicitarmo--nos por sermos isto, inquietarmo-nos por sermos aquilo... enquanto estes pensamentos nos ocuparem, Maria não poderá exercer em nós o seu sacerdócio virginal.

Compreendida assim, a solidão do coração está muito perto do abandono, terceira condição para que a alma se torne uma oferenda a Deus nas mãos de Maria. Devemos fazer-lhe o dom dos nossos cuidados, entregar-lhe a solução de todos os casos, devemos atingir a despreo-

cupação da criança. O Evangelho intima-nos a isso com tanta insistência que faz parecer tímidas todas as palavras humanas a este respeito. Não tenhais cuidado com o dia de amanhã — diz o Senhor — (Mat., VI, 4), nem com os vossos alimentos, nem com o vosso vestuário, nem com a vossa saúde (Mat., V, 28-31; Luc., XII, 22). Sede como as aves do céu e como as flores do campo, que dependem ùnicamente de Deus e que este conduz à perfeição (Mat., VI, 28). Não olheis mais para trás; não desperdiceis o vosso tempo a considerar os vossos actos passados (Luc., IX, 62). Que a vossa mão direita ignore o que faz a esquerda (Mat., VI, 3). Finalmente, Pedro, no capítulo V da sua primeira Epístola, sintetiza estes ensinamentos num preceito: Lançai todos os vossos cuidados em Deus; e o verbo que ele utiliza aqui é o mesmo que significa, no sentido rigoroso do termo, a acção de lançar ao mar tudo o que sobrecarrega um navio ameaçado de naufragar.

Ponhamo-nos de olhos fechados entre as mãos da Virgem Santíssima para que ela cuide de nós e nos ofereça a Deus. Estamos porventura num estado de alegria e doçura espiritual? Fechemos os olhos e finjamos ingorá-lo na nossa conduta. Estamos num estado de tristeza e de lassidão? Fechemo-los também e saibamos abandonar-nos. Que nos seja indiferente saber se somos apreciados ou não; isso não preocupa a alma lùcidamente abandonada. Nenhum juízo devemos fazer sobre as perfeições dos nossos irmãos: outra coisa que será

bom abandonarmos a Maria. Àquele que se abandona deste modo, posso garantir que a Virgem não tardará em tomá-lo nos seus braços e em o elevar até ao Pai... Toda a arte de passar deste mundo para Deus se resume em fechar os olhos e entregar o leme a Maria.

Aliás, não deveremos pensar que o abandono se opõe à generosidade. Quem se abandona sinceramente, é dócil às inspirações da graça. Possui aquilo a que o Abade de Saint-Cyran chama a flexibilidade nas mãos de Deus: o dom da infância. A criança deixa-se guiar fàcilmente pela sua mãe. As três condições do sacrifício mariano que já enumerámos — recolhimento, abandono, generosidade — andam sempre juntas e são inseparáveis por natureza.

Eis o que havemos de ser para nos prepararmos para ser oferecidos por Maria no templo: fiéis, tranquilos, simples, confiantes, cegos como se fica com o excesso de luz. Ela, então, pegará em nós. Cada uma das nossas acções oferecidas por ela ao Pai terá um valor infinito. Já não há pequenas coisas para uma alma assim abandonada: cortar o pão, descascar as batatas, lavar as escadas, entoar uma canção, tudo é imenso porque está nas mãos de Maria.

Podemos mesmo garantir, sem nos contradizermos, que, para uma alma abandonada, também não há grandes coisas: o que parece uma montanha, um obstáculo enorme para quem se dirige a si próprio e só em si cuida, é um incidente insignificante para uma

alma abandonada. Que me não amem, que me julguem um pobre diabo, que me considerem um criminoso! O homem senhor de si mesmo é que se preocupa com tudo isso. Como proceder para se justificar? Um novo zelo de justiça e de verdade — ou de mentira — atinge-o e leva-o a ficar preocupado com aquelas insinuações. O filho de Maria mal dá por isso. Não lhe interessa: conserva os olhos fechados, e com a mão na mão de sua mãe, deixa-se conduzir até onde lhe aprouver. E como ela nos ergue imediatamente nos seus braços, já nem vemos aquilo que aos outros parecia tão terrível.

Na realidade, estamos entre fogos cruzados. Vós conheceis esta expressão, tirada da linguagem militar, e que designa a situação de um exército atacado ao mesmo tempo por todos os lados. Para nós, também o fogo do amor vem de todos os lados: diante de nós, a face do Pai, a Trindade que nos espera; atrás de nós, o amor virginal de Maria, que nos oferece a Deus. A vida espiritual consiste precisamente em se fazer conduzir e em se deixar arrebatar por estas mãos maternais para sermos apresentados ao Altíssimo.

É tão doce sentirmo-nos abandonados entre mãos tão puras... E como temos a certeza de que não podemos escapar, que segurança nos vem desta pureza por excelência! E estas mãos têm ainda o poder de nos purificar.

Já houve quem se propusesse interpretar a solenidade cuja oitava celebramos como a festa da Purificação da humanidade. Maria não precisa de ser purifi-

cada, mas precisamos nós, para receber Jesus, a luz do Pai. Com efeito, só um cristal puro deixa passar a claridade. Maria foi ao templo, não por ela mesma, mas em nosso lugar, em nosso nome, para nos comunicar a sua pureza virginal a fim de podermos receber Jesus. Eis a razão por que se viu a Imaculada ajoelhar humildemente nos degraus do templo; e o sacerdote que a aspergia com água lustral, espantava-se sem dúvida com esta mãe, quase uma criança, cuja face era mais clara e mais pura do que a aurora. É possível que tivesse parado, que tivesse hesitado ou mesmo sabido que talvez esta água não fosse destinada a Maria, mas que ela se espalhava sobre toda a humanidade, prostrada na sombra, sequiosa de perdão.

Maria quis-nos comunicar um pouco da sua graça ao fazer jorrar sobre nós as ondas do seu coração imaculado.

Finalmente, ergue-nos nos seus braços e eis-nos face a face com o Pai. Ele contempla-nos sem cessar e nós contemplamo-lo a Ele. Este «face a face» é a forma mais sublime da vida interior. Paulo definiu o céu da seguinte maneira: já o não veremos no espelho das coisas mas face a face.

Quando vivemos debaixo do seu olhar, tudo o que fazemos é iluminado, tudo se torna mais claro e transparente. Desde que em nós desperta um mau pensamento, de cólera por exemplo, de ódio, de vingança, uma nuvem se estende; já não estamos sob o olhar de

Deus. A Escritura usa muitas vezes esta expressão: *Ambulavit coram Deo:* andou na presença do Altíssimo, para fazer vincar o valor e o brilho de uma vida plenamente dedicada a Deus.

Mas nós também o olhamos: Ele revela-nos a sua verdadeira face — a do amor. Já não temos medo, já não somos obrigados a desviar os nossos olhos, como fazíamos antes de Maria nos ter purificado do medo e de nos ter enchido de confiança. Vemos Deus face a face. Os olhares de Deus e da alma cruzam-se, fundindo-se na unidade eterna.

EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ

A cruz é o sinal do sacrifício divino e da reconciliação do céu e da terra; é também o símbolo da união que a caridade deve realizar entre nós, como o Senhor pediu na véspera da paixão que quis sofrer para nos consumar na unidade: *ut sint ipsi consummati in unum.*

Esta comunhão entre nós, só pode realizar-se pelo progresso da nossa vida espiritual e na medida em que nos afastarmos de tudo o que é exterior para estarmos unidos a Deus. Um homem em estado de graça, com efeito, é um mundo no centro do qual Deus não cessa de estar presente. Mas esta realidade, só parcial e imperfeitamente se apresenta à consciência e ainda mais incompleta e deficientemente se apresenta ao mundo exterior. Cada criatura humana é pois um enigma, uma palavra divina velada, enquanto manifestada através da carne, da linguagem e da acção.

Todo o trabalho da caridade paciente consiste em decifrar estes enigmas e em encontrar o seu sentido

literal sob a expressão balbuciante e perturbada. Se fôssemos mais fiéis à vida da graça em nós, cada alma em que está presente esta mesma graça deleitar-nos-ia e seria para nós uma fonte de paz e de felicidade. A vida de recolhimento e a alegria espiritual fazem mais do que tornar-nos benevolentes e indulgentes; criam e mantêm no nosso espírito um estado de harmonia que lhe permite vibrar em uníssono com o divino, em toda a parte onde este se fizer ouvir. É o próprio Deus, vivo em nós, que surpreende Deus no nosso próximo e lhe sorri.

Para conversar e agir, os homens procuram sair da sua solidão e esforçam-se por criar relações entre si. Estas relações de tipo exterior, entre nós, cartuxos, estão reduzidas a pouco, embora não suprimidas: uma sabedoria baseada em experiências seculares fixou, na nossa regra, o limite dos recreios que, aliás, devemos aproveitar para não sermos estranhos uns aos outros, procurando manter delicadamente boas relações. Mas isto não se consegue sem grandes esforços porque, enquanto estamos voltados para o exterior, traduzimos nas nossas palavras e gestos uma parte ínfima da verdade divina, presente em nós, tradução miserável que é sempre até certo ponto uma traição e que muitas vezes nos opõe uns aos outros mais do que nos aproxima.

Os homens mundanos, isto é, superficiais — e nós também somos mundanos na medida em que somos superficiais — não se podem compreender mùtuamente: os terríveis conflitos que dilaceram o mundo são consequência

da falta de vida interior. Se quisermos salvar a amizade espiritual entre nós, se quisermos conservar a paz e a alegria que o Senhor nos legou, devemo-nos esquecer uns aos outros, devemo-nos esquecer a nós próprios para nos reencontrarmos em Deus: porque só n'Ele nos podemos voltar a encontrar e unir verdadeiramente.

Um ponto importante nesta matéria é saber distinguir o essencial do acidental. Dissemos que a boa vontade e a vida da graça — as duas essencialmente importantes — podem manifestar-se numa alma de muitos modos. Há uma vida de fé e de amor comum a toda a Igreja de Cristo; há, por outro lado, entusiasmos e preferências particulares, acidentais, que podem ser legítimas e benéficas para certas almas. Mas pretender impô-las a todos, indignar-se porque muitos se desinteressam delas, é um erro de apreciação cujas consequências são ruinosas para a caridade. Deslocar o seu acento é quebrar a harmonia que só existe nos espíritos que têm o instinto e a paixão do essencial.

Esta posição, pròpriamente interior, da alma resolutamente voltada para o centro divino, exige-lhe muitos sacrifícios. É preciso privarmo-nos de muitas satisfações pessoais e sensíveis. Correspondendo à vocação cartuxa, renunciámos à ternura humana, e a continuidade desta renúncia é uma condição da amizade religiosa, porque é uma condição de vida interior. Mas não é só todo o sentimento apaixonado que deve ser rigorosamente excluído; está ainda no mesmo caso todo o apego aos nossos gostos

individuais, mesmo que revistam a aparência de espirituais, quando nos enclausuram num círculo estreito, impedindo que a graça de Deus nos inunde com aquela liberdade infinita que Deus reclama, que Ele quer manter, no meio da solidão, entre nós e Ele.

Quando se trata de experimentar o espírito da nossa vocação e de precisar as condições em que devemos viver para que ela seja uma comunhão entre nós e a unidade divina, caímos sempre na prática da solidão e do silêncio. Uma certa capacidade de silêncio exterior e interior é condição indispensável para que as almas se possam recolher e se reencontrem no coração de Jesus e de Maria. Este colóquio sem palavras, esta amizade no desapego de tudo o que não é Deus, é uma prática muito sublime, muito doce, que devemos conservar como um tesouro. Que a cruz e o sinal da cruz constituam para nós um convite constante de regresso ao foco da caridade eterna, com uma anuência sem reservas ao sacrifício libertador.

NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA

Hortus conclusus, soror mea sponsa,
hortus conclusus, fons signatus.

És um jardim fechado, minha irmã,
minha esposa, um jardim fechado,
uma fonte selada.
(Cântico dos Cânticos)

Ser contemplativo é receber o Verbo divino, concebê-lo espiritualmente e manter com ele uma só vida.

A Virgem é portanto o modelo dos contemplativos, é a mãe da verdade, como o é da beleza e do amor. Cabe-nos imitá-la como filhos generosos e fiéis.

Cada um dos símbolos que nos ajudam a compreender o mistério da missão de Maria, são também os símbolos da alma que ama e possui Deus na solidão interior: Torre de Marfim, Casa Dourada, Fonte Selada, Espelho de Justiça, Arca da Aliança... As virtudes de Maria, os dons que manifesta e dons que nela brilham, são por excelência as virtudes, as condições e os privilégios da vida contemplativa.

Segundo o hino que cantamos nas vésperas de cada uma das suas festas, Maria distingue-se, pela sua doçura, de todas as mulheres, entre tantas virgens e mães às quais Deus concedeu a mansidão, mansidão que aliás é força e poder. Mas tudo o que é virginal ou maternal, Maria, a nova Eva espiritual, possui-o em alto grau.

Disse-se que a mansidão é o resumo de todas as virtudes cristãs: é feita sobretudo de paciência e de boa vontade, de respeito e de amizade por todas as almas e até por todos os seres, porque os mansos são-no até para os seres inanimados. É, no fundo, um acordo com a vontade de Deus, uma terna concórdia com tudo o que existe; é também a primeira atitude a exigir, revista ela a forma que revestir, daquele que deseja purificar e libertar a sua visão interior. Não há vida contemplativa sem uma enorme paciência. A luz apenas entra nas almas pacíficas; a tranquilidade é a primeira disposição necessária para se tornarem transparentes as profundezas do espírito. A arte de contemplar as coisas divinas é uma arte calma.

A mansidão é feita também de indulgência e de misericórdia, de uma lucidez que ilumina os seres na sua claridade divina, fixando deles apenas as razões que temos para confiar e amar. São João da Cruz acentuou bem quanto esta boa vontade é indispensável a todo o progresso interior. A nossa vocação é inteiramente virginal e mariana: Maria não teve de condenar o mundo, este

é que se veio quebrar de encontro à sua mansidão: assim deve ser uma alma contemplativa, cuja missão não é julgar os homens mas repousar em Deus.

Uma outra virtude que nos admira em Maria, e que devemos prezar acima de tudo, é a pureza. Maria é como que a incarnação da pureza, e esta, por outro lado, está tão ligada à sabedoria que se pode chamar a virtude essencial do contemplativo.

Não se trata sòmente da luta contra os pecados da carne, mas daquela delicadeza de espírito que nos faz reservarmo-nos para as mais altas alegrias. Ser puro é saber estabelecer e conservar a solidão da alma com o seu Deus, é reconstituir interiormente o Paraíso. Sabemos como a Virgem Santa está prefigurada no paraíso terrestre, reserva inacessível ao século, lugar de delícias, sem manchas, sem conflitos, onde está colocado o novo Adão.

Esta figura designa também a alma contemplativa, jardim fechado onde reina a felicidade imediata de receber a vida divina num recolhimento comparável ao que sem dúvida reinava na aurora do mundo sobre a natureza imaculada. É preciso que não haja nada nem ninguém entre Deus e a alma, mas tão sòmente essa liberdade virginal do primeiro instante. Então, uma criação nova se produz e se repete sem cessar: a geração do Homem-Deus em nós.

Que poderemos inferir pràticamente destas breves reflexões sobre as semelhanças que devem ligar as nossas

almas à alma da nossa Mãe? Tomemos a resolução de nos fecharmos às preocupações estranhas e, através do recolhimento, penetraremos nas fontes mais profundas do nosso ser e, tal como Maria, reservar-nos-emos para as mais belas alegrias; conservaremos esta alegria através dos sofrimentos, das separações e das atribulações, para que ela atinja a sua plenitude, difunda a sua acção consoladora e acabe por se fundir na alegria de Deus que permanecerá como realidade única quando a figura deste mundo tiver passado.

IMACULADA CONCEIÇÃO

Veni, Soror mea sponsa...
Ecce quasi aurora consurgens...

Vem, minha irmã, minha esposa...
Ei-la como a aurora que nasce...
(Cântico dos Cânticos)

No Cântico dos Cânticos, a Virgem Maria é comparada à aurora, porque é o princípio de uma nova criação. Com a sua conceição imaculada, a história do homem recomeça e tudo é outra vez claro: é uma matéria intacta, inteiramente pura e dócil, da qual será feito o primeiro Adão e nós próprios com ele, se nos deixarmos criar de novo. Porque a Virgem só espera pela nossa boa vontade e pelo gesto de um abandono absoluto e verdadeiramente filial, para nos lavar na sua inocência. A nós compete-nos entregarmo-nos ao seu olhar, do qual se escreveu no Livro dos Cânticos que é semelhante a um lago — *oculi tui sicut piscinae in Hesebon* — a uma água completamente cristalina, onde nós somos purificados de nós mesmos, para depois nos vermos inundados de vida divina.

Ao abrigo do regime da graça — daquela graça de que Maria está cheia e que ela distribui na medida do seu amor maternal — a recompensa é dada antes do mérito, a riqueza e a felicidade são prodigalizadas antes de quaisquer provas. São métodos de um mundo novo, métodos especìficamente divinos.

Os homens são incapazes desta liberalidade porque não são fontes de bem mas tão sòmente seus depositários, cautos e atemorizados: na educação dos nossos filhos, no comércio e na justiça, primeiro estabelecemos as condições e as ameaças do castigo; só se concedem prémios depois de se ter obtido o esforço, em troca de serviços ou garantias. Mas com Deus é diferente; desde que o pecador apela para Ele, recebe imediata e precisamente *aquilo que não tem preço,* a herança do sangue divino e a categoria de filho. O seu coração libertou-se pela vitória de Cristo, e é cheio deste puro triunfo, *prèviamente* armado de nobreza e alegria, que é convidado a combater, a suportar por sua vez trabalhos e sacrifícios na medida das suas forças.

É assim o governo do Reino de Deus, a prudência de Maria, a economia da Casa Dourada. Os caminhos de Deus são diferentes dos nossos caminhos, embora muitas vezes os não compreendamos. Nem sequer ousamos acreditar na dignidade, na liberdade, que nos são oferecidas; quase desconfiamos da generosidade de Deus. Ignoramos os seus presentes essenciais precisamente quando abusamos dos bens inferiores. A falta de fé e de

confiança paralisa-nos. Não sentimos coragem nas veredas subreptícias por onde tentamos caminhar, porque a timidez e a angústia sufocam o que há de melhor no homem. Abramos, pois, os olhos e o coração numa perfeita solidão com Deus, recolhamo-nos e tomemos consciência do que Ele nos dá, do que Ele representa para nós. A nossa coragem e a nossa paciência só podem ser sólidas se procederem de uma felicidade íntima.

Parece que às vezes temos medo de reconhecer a santidade, como se se tratasse de bens materiais, de que um homem está privado porque outro os possui. Mas este sentimento só é possível pela ignorância crassa da realidade em questão. O que é dado aos santos e em primeiro lugar a Maria, é-nos dado também a cada um de nós. E acontece necessàriamente assim com os bens espirituais porque a sua fonte é infinita e imediata e realiza o seu autêntico sentido na caridade: só temos o trabalho de não os reter e de os transmitir sem qualquer espécie de reserva.

Inebriemo-nos dos privilégios cuja plenitude Maria nos oferece: *Venite et comedite, amici, inebriamini, carissimi*. Embriaguemo-nos de Deus, com Ela, nossa Mãe e nossa irmã.

E P I F A N I A

Eu vim para que eles tenham mais vida.
(João, X-10)

O nascimento de Cristo é uma renovação da criação. Os Padres da Igreja compararam o Menino Jesus, envolvido no tríplice véu do seio maternal, da gruta e da noite, à semente escondida donde brota uma flor nova para todo o mundo.

Toda a vida, com efeito, começa em segredo, envolvida no mistério e no silêncio. E Cristo é a vida por excelência: *Ego sum vita.* Nunca meditaremos suficientemente este nome tão rico de significação que Ele atribui a si próprio.

A vida que Ele transmite não é a vida da natureza, mas a da graça. Todavia, a primeira é a imagem da segunda e esta é o desenvolvimento daquela. Toda a vida é dada gratuitamente: a vida é, para o ser vivo, o primeiro dom que nada podia preparar ou merecer. Mesmo assim, não é em vão que chamamos graça à vida sobre-

natural: é que é a vida por antonomásia, é um brilho mais íntimo, é um dom ainda mais puro, mais inesperado do que a vida da natureza: representa, com efeito, uma participação dos privilégios divinos, que nenhuma inteligência criada poderia imaginar sequer. Tenhamos o espírito da graça, o espírito da liberalidade divina na maneira de receber, isto é, acolhamos sem dúvidas nem hesitações o que Deus nos dá sem cálculo; e, quanto à maneira de dar, imitemos com uma generosidade perfeita a divina abundância daquela água viva e comuniquemo-la a todos, mergulhando nela com todo o coração.

A graça espalha-se em todos os cristãos no meio do recolhimento e da oração; em nós deve expandir-se sobretudo sob a forma de vida interior. Por isso a interioridade é uma característica de toda a vida. A pedra inanimada apenas tem uma actividade de superfície; limita-se a resistir aos choques vindos do exterior, enquanto que os seres vivos discriminam e utilizam o que lhes convém, porque um princípio interno os governa e preside ao seu crescimento. A vida espiritual é mais perfeita e mais poderosa ainda; nada há de que ela não tire proveito. A alma fiel encontra a sua felicidade em cada acontecimento; um princípio mais profundo que o da vida natural lhe permite fortificar-se e edificar-se em contacto com todas as coisas. Se não é assim para cada um de nós, se muitos acidentes nos perturbam e desorientam, é sinal de que não somos bastante interiores. Precisamos de descer ao mais íntimo de nós mesmos, de nos

recolhermos pacientemente e de encontrar na solidão com Deus aquela força misteriosa graças à qual seremos capazes de assimilar sem excepção, harmoniosamente, tudo o que nos acontece e tudo o que nos cerca.

Enfim, na vida da graça, a vida interior desenvolve-se em nós sob a forma contemplativa. Para designar a aliança e a fusão do homem com Deus, exprimir-nos-íamos talvez de modo mais simples e teríamos uma forma de valor mais geral, se falássemos de vida de amor e de união. A vida contemplativa é, no entanto, expressão apropriada para exprimir o ideal de uma caridade particularmente directa e desinteressada.

A contemplação, com efeito, é o acto de uma alma que se esquece e se imobiliza perante coisas mais belas do que ela própria. (Tal é a natureza da admiração e o poder da beleza contemplada que nos liberta do que nós somos e nos torna indiferentes ao «eu»). O acto contemplativo de caridade é o mais simples e o mais imediato de todos.

Uma vez mais podemos frisar a continuidade dos processos da natureza e da graça: toda a vida é amor e todo o amor é esquecimento de si próprio; consiste em nos prendermos para encontrarmos um valor mais elevado. Em toda a parte, na natureza, a vida apenas se perpetua pela imolação dos indivíduos, sacrificados em cada geração para que a chama que eles receberam se transmita e alastre, sempre viva.

Mas é sobretudo no domínio da graça que esta abnegação é necessária e feliz: *Qui perdiderit animam suam.* A alma tem a faculdade de se esquecer mais perfeitamente do que qualquer outro ser vivo. Ela tem, se o desejar, a transparência de um espelho inteiramente límpido; não tendo forma própria, pode reflectir em toda a sua profundidade o infinito divino. Fixar Deus na calma e no recolhimento, é a fonte de toda a verdadeira sabedoria. Só seremos senhores de nós próprios, só seremos verdadeiramente justos e prudentes se, por um acolhimento audacioso e puro, deixarmos Deus realizar em nós a sua vontade, ser em nós o que Ele quer ser.

Que a Senhora cheia de graça, igualmente festejada pela Epifania, a mais interior e recôndita das virgens, a alma mais liberta de si própria na admiração simples de Deus, que ela nos ensine a receber, a amar, a contemplar.

NA VIGÍLIA DE PENTECOSTES

O Espírito Santo, do qual podemos e devemos receber nesta festa uma nova plenitude, se estivermos preparados para o acolher, é um *espírito de infância.* É Ele que concede aos nossos corações o poder de nos reconhecermos filhos de Deus, que lhes dá o amor e a confiança no nosso Pai do Céu, como diz São Paulo. Esta qualidade de filhos de Deus é o que nos distingue dos pagãos, é precisamente o que nos faz cristãos.

Se procurarmos precisar em que consiste a atitude filial, verificaremos que é feita de submissão, de liberdade e de alegria. Digo em primeiro lugar submissão, porque realmente não se pode ser verdadeiramente filho de Deus se se não possuir antes de tudo a generosidade da obediência. Devemos de uma maneira particular eliminar os nossos gostos, as nossas ideias singulares, para nos conformarmos com o que a Igreja impõe, ou com o que a vida cristã exige. Devemo-lo fazer com coragem, sem raciocinar nem olhar para trás.

Quando se pratica, embora uma só vez, um bom sacrifício deste género, sabemos bem quanta independência interior nos pode advir.

Realmente, a infância espiritual é feita também de liberdade, liberdade que é filha da submissão, do abandono simples e generoso. *Ubi Spiritus, ibi libertas* — diz ainda São Paulo. Onde está o Espírito Santo, está a liberdade, essencialmente interior, que consiste em não estarmos presos ao amor próprio. Só se adquire pela dedicação e pelo recolhimento. O vosso trabalho e a vossa oração tendem constantemente a libertar-vos e haveis de chegar a esta independência tanto mais depressa quanto mais fiéis fordes a um e a outro.

E finalmente o Espírito Santo é um espírito de alegria, porque nos sentimos felizes quando vemos cair as nossas cadeias. A maior tristeza do homem é a de sentir-se preso numa prisão que se não pode abrir porque tem o nome de egoísmo; é nele que o homem está fechado. Mas cada acto de obediência, de humildade, de caridade, liberta-lhe o coração e sentimos que ressoa no céu, como o esvoaçar de uma ave cuja gaiola acaba de ser aberta.

Todos vós conheceis esta alegria; cada um de vós recebeu uma grande parte dela. E tendes o desejo de a comunicar aos outros, sejam eles os seres mais queridos, a família que deixastes no mundo, ou os infelizes que tantas vezes sofrem sem saberem porquê.

Pois bem! O único meio de fazer irradiar a conso-

lação nos corações alheios é fazer do vosso coração um foco de confiança e de amor, é deixar viver em vós o coração de Cristo. Numa família ou numa comunidade, é já muito se o exterior é calmo e sereno; porque uma figura acabrunhada carrega a atmosfera à sua volta. Mas esta influência nada é, comparada com o brilho de uma alma onde Deus vive. O espírito do homem inventou e construiu focos de energia, que espalham força sobre toda a terra. Quando este mesmo espírito está cheio de luz e de amor divino, cheio do espírito de Deus, não é natural que cintile até ao infinito?

Somos solidários uns dos outros, dependemos daqueles que lutam e sofrem connosco, religiosos ou leigos, colaboramos, construímos em conjunto a cidade de Deus. Em certo sentido é uma carga, porque sabemos que as almas esperam o nosso auxílio, mas é uma fonte de resistência porque, em troca de tudo o que nós damos, recebemos cem por um. O único meio, com efeito, de receber a abundância da graça é dar tudo o que se tem.

Peçamos ao Espírito Santo essa paciência, essa prontidão em abandonar tudo o que nos é pedido e essa alegria sobrenatural, que são os sinais da sua presença e as condições do seu reinado em nós, e que Ele faça de nós fontes de vida para todos os homens como fez de Maria, sua esposa, cheia de graça.

FESTA DE TODOS OS SANTOS

Os que experimentam a nossa regra queixam-se, muitas vezes, no fim de algumas semanas de vida monástica, da sua facilidade: acham que a Cartuxa não corresponde ao ideal de austeridade heróica que tinham imaginado. Mesmo assim, um bom número daqueles que manifestam esta opinião, algum tempo depois, deixam-nos pela razão oposta: acham a prova esgotante. Não devemos sorrir de tal incoerência: não é própria apenas dos noviços. É que, na realidade, a vida espiritual é uma vida de infância, ao mesmo tempo muito pequenina para o nosso orgulho e muito humilde para os sentidos.

O Senhor diz-nos no seu Evangelho que o caminho da salvação é tortuoso e convida-nos a entrar pela porta estreita, mas diz-nos ainda que o seu jugo é suave e leve o seu fardo. É interessante meditar ao mesmo tempo nestas duas verdades e analisar em que sentido é que se não opõem.

Realmente, toda a alma que quer amar desconfia do que é fácil demais: sente uma espécie de horror pela facilidade. Sabe-o aliás de sobejo, pela experiência das suas quedas: o que é fácil é deixar-se escorregar para a mediocridade e para o vulgar. Isto é verdadeiro mesmo no plano natural. O homem distingue-se pela necessidade em que vive constantemente, se não quiser cair ou descer abaixo da sua natureza, de fazer esforços sobre si próprio; estamos votados a uma luta interior, que devemos aceitar e prosseguir com paciência. Esta continuidade no esforço sobre si mesmo traduz-se no trabalho. A vida espiritual é uma luta e uma carga: quem o esquecer, viverá numa cegueira extremamente perigosa.

Mas, se é preciso que nos ponhamos de atalaia contra caminhos fáceis, não é verdade porém que a vida espiritual se confunda com a inquietação ou com a dificuldade. Propor-nos como ideal a realização de certos objectivos capazes de grangear a admiração dos outros — ou mesmo da nossa, para connosco mesmos — é desconhecer completamente a essência da espiritualidade. O espírito embota-se no «deixar correr», mas não vive do atletismo, vive da caridade. Ora não há nada que simplifique como o amor. Há pois um género de dificuldades que a alma, esposa de Deus, evita com cuidado: a *complicação*. O que é recto é simples, o que é falso é complicado. A simplicidade é o sinal de Deus.

Se estou debruçado sobre mim mesmo, se me desdobro nas complicações do meu amor próprio, sofro estè-

rilmente. Se me volto para os homens, eles fazem-me recurvar sobre mim devido ao círculo vicioso das paixões. A alma que, pelo contrário, só interroga Deus, num recolhimento ininterrupto, recebe d'Ele uma só resposta: a garantia de que é amada infinitamente, o convite para amar com todo o seu coração no momento presente, e esta resposta soluciona todos os problemas.

Este é o primeiro e mais poderoso meio de simplificar a nossa vida: adoptar uma posição verdadeiramente contemplativa, habitua-nos a fazer face a Deus na solidão.

Há, porém, um outro, de facto inseparável do que acabo de mencionar: a generosidade franca. Se a alma de um cartuxo, de maneira particular, quiser deter-se a meio do caminho, é em vão que tentará manter-se em pé, e desperdiçará as suas forças. É preciso ambicionar o melhor para conservar o espírito em equilíbrio. O direito que nos reservamos de defender o amor próprio até um certo ponto, age na alma como um veneno. Arriscar tudo, pelo contrário, alivia-a; dar tudo restitui-lhe o ar puro das montanhas. Não há nada mais simples do que a fé e o abandono total.

Esta atitude interior, categórica, tem consequências práticas nos outros domínios. Se formos simples para com Deus, sê-lo-emos também para com os homens. A falta de simplicidade para com o Padre Prior, ou para com o Director é uma miscelânea de vaidade e de descon-

fiança, opõe-se ao espírito de infância. A contemplação curar-nos-á deste medo ou deste orgulho.

Faltamos à simplicidade para com os nossos irmãos quando somos susceptíveis e desconfiados; uma vez mais a pretensão de ser alguém, a falta de recolhimento sobre o essencial, faz-nos ver dificuldades onde Deus as não pôs. Saibamos manter-nos mais dentro do círculo da presença divina, que ela nos apagará e nos prodigalizará a calma e a transparência. Só a natureza de Deus, contemplada na sua essência ou no Amor crucificado, ou na face imaculada de Maria, nos pode libertar de nós mesmos; só ela nos pode apaixonar. Foi neste sentido que foram ditas as palavras de Cristo: a verdade vos fará livres — *veritas liberabit vos.*

Acrescentaremos aqui para concluir: *o caminho do amor, especialmente a via contemplativa* não é fácil, porque exige um dom total; mas não é *difícil,* porque tem vantagens maravilhosas, como o privilégio divino da simplicidade.

Que a Virgem Maria e os santos cuja festa celebramos, nos dêem a liberdade interior, e que o amor fielmente amado nos conduza à visão, na unidade, que será a nossa alegria eterna.

F E S T A D A IMACULADA CONCEIÇÃO

«Ó Virgem entre todas única e doce».

É assim que Maria é chamada num hino que recitamos todos os dias. Gostaria de meditar por um instante no exemplo da sua mansidão.

Diz-nos o Evangelho que os mansos possuem a terra, mas diz também que os violentos conquistam o céu. O paradoxo desaparece se compreendermos que o homem espiritual faz reinar a mansidão em todos os seus actos para com os outros e a violência na prontidão e nitidez com que obedece ele próprio aos chamamentos do amor. É exactamente o contrário do que faz o homem carnal, exteriormente brutal para com o próximo, mas inteiramente falho de justiça, de paixão pela verdade.

A violência dos espirituais é inseparável da sua doçura, e depressa se esvai se não souber opor uma renúncia categórica à mentira que se esconde em todas

as desculpas ou molezas pessoais. Cortar com um *sim* ou com um *não* a discussão interior: esta sinceridade sem comedimento para connosco próprios, a que o Senhor nos convida, é condição a preencher antes de tudo, para que a alma se liberte e conquiste o maravilhoso privilégio da mansidão.

Esta virtude que distingue a Virgem Santa de todas as outras mulheres, não pode deixar de ser essencial. Notemos, primeiro, que a mansidão de Maria é como que a réplica da mansidão de Deus. A Virgem Santa é um espelho límpido tão liberto de toda a forma própria, que a essência divina se reflecte nele sem mancha alguma. Os atributos da essência reencontram-se nela, reflectidos na sua humildade. É por isso que a Virgem imaculada é objecto de contemplação: a sua pureza corresponde à do acto puro e é ela que no-lo revela.

A mansidão é efectivamente uma atitude puramente divina. A violência é o acto de uma autoridade que se sente fraca demais. Deus não tem necessidade de esmagar os seres para se impor. A mansidão de Deus não é mais que a sua omnipotência; a mansidão de Maria, que é a obediência integral, confunde-se de certo modo com aquela. Abandonar sem luta as solicitações do amor próprio, consentir pacìficamente no que se nos pede, é isso que nos torna conformes à Virgem Maria e herdeiros dos seus encantos e dos seus poderes. Porque Deus nada recusa, nada pode recusar a quem lhe entregou todo o coração.

A mansidão para com as criaturas é feita de paciência e de respeito para com elas. Disse alguém que a mansidão era a coroa das virtudes cristãs, e um pouco mais do que uma virtude. É, com efeito, uma graça singular que penetra toda a pessoa, toda a sua vida, que se estende mesmo aos seres inferiores ao homem, às coisas inanimadas. Uma pessoa mansa não abre a porta, não desloca um móvel da mesma maneira que outra desprovida de mansidão. A sabedoria é mansa, a inteligência é mansa, porque é preciso respeitar o objecto para o compreender. E a mansidão é inteligente, porque penetra no íntimo dos seres, que se fechariam à violência e à brutalidade. A mansidão é virginal, a mansidão é maternal, e sem ela nenhuma acção sobre as almas pode ser profunda ou eficaz.

Dissemos que é feita de paciência e de respeito. De paciência, primeiro. Uma alma, com efeito, não conservará a atraente mansidão, se não estiver decidida a ceder muitas vezes o seu direito, a sofrer todos os dias e algumas vezes cruelmente. Mas é verdade também que a mansidão desarma todos os adversários, que tira o travo à dor. Os nossos sofrimentos são feitos em grande parte de revoltas, de falta de delicadeza e de abandono.

É verdade que é preciso exercer violência sobre nós mesmos, despojar-nos se queremos de toda a violência mas, de uma maneira mais geral e mais profunda, o respeito e a paciência que, a exemplo de Maria, a exemplo de Deus, devemos manter nas nossas relações com as cria-

turas, faltam-nos em relação a nós mesmos. É preciso ter muita paciência para com a nossa alma, para não falar já do corpo. A maior descarga de energia natural não conseguiria acrescentar uma polegada à nossa estatura, foi o Senhor que o disse, e pouco se transforma o carácter, sempre bastante baixo, de que fomos dotados por nascimento ou por educação.

Mas aquele que reconhece francamente o que é, que por isso mesmo perde a tentação de criticar os outros, apesar da necessidade de recomeçar todos os dias os seus esforços, sem olhar para o resultado, só perseverando por Deus, e só contando com a sua bondade, esse consegue mais do que aperfeiçoar-se. Consegue abandonar-se, entregar-se a Deus, a quem a humildade no amor dá mais glória do que todas as vitórias. Cada um deve respeitar a sua alma, filha e esposa de Deus; deve acolher nela a acção do Espírito Santo, como melhor aprouver a este. A alma é tão delicada que só Deus lhe pode tocar.

Peçamos à Virgem Maria que nos comunique a sua mansidão: é ela que nos reserva para Deus e nos torna castos no sentido mais elevado, isto é, libertos de toda a resistência e prontos para a vinda do Esposo.

Virgo singularis
Inter omnes mitis
Nos culpis solutos
Mites fac et castos. Amen.

PARA A VIGÍLIA DO NATAL

Sempre que Deus quer fazer qualquer coisa de grande, sempre que quer alicerçar o começo de uma vida nova, prepara um lugar secreto, um asilo de pureza e de silêncio, onde a sua acção possa ser recebida integralmente sem que nada a perturbe.

Tudo começa no recolhimento e no mistério. Estamos a vê-lo em Belém. Não é no tumulto da cidade nem na praça pública que Jesus vai nascer. Se procurarmos o lugar escolhido por Deus, encontraremos um estábulo, um esconderijo cavado na pedra. E, ao fundo deste, está uma Virgem, a mais púdica, a mais silenciosa, a mais discreta das criaturas. O coração desta Virgem, onde não penetra nenhum desejo mundano, foi o lugar que Deus escolheu para incarnar.

Pois bem... cada um de nós deve realizar condições análogas para receber a vida da graça e assegurar o seu desenvolvimento até que o próprio Cristo viva em nós. A Cartuxa é um refúgio onde o Senhor quer in-

carnar de novo: o convento cartuxo é uma imagem da gruta de Belém e uma imagem da Virgem. É um asilo de solidão e de silêncio, onde a nossa alma se reserva inteiramente para Deus e o convida a realizar lá mesmo a sua obra mais valiosa, que é a comunicação da sua alegria.

Mas a Cartuxa não será esta virgem e esta mãe da vida da graça para cada um de nós, se não formos fiéis ao seu espírito: é necessário ter o cuidado de preservar a virgindade da nossa alma, através do recolhimento e da abnegação.

A primeira falta que se pode cometer contra a solidão, é estar demasiadamente ligado ao mundo ou à família. Evidentemente que nada devemos diminuir do nosso amor para com os nossos pais ou os nossos parentes; pelo contrário, somos obrigados a amá-los cada vez com um amor mais puro. E, se eles estiverem em dificuldades ou necessitados, é justo que nós soframos por isso. Mas é necessário saber confiá-los a Deus e, se sofrermos com o acontecido, soframos com confiança e abandono perfeitos, de modo que este sofrimento nos una a Deus mais ainda, em vez de nos distrair e de nos desviar da nossa vocação.

Uma outra falta contra o espírito de solidão, que tem mesmo a aparência de uma boa intenção, é ocuparmo-nos dos irmãos quando não estamos encarregados disso. Podemos e devemos ajudar espiritualmente aqueles que vivem connosco, mas devemo-lo fazer continuando devo-

tados e solícitos, evitando toda a gabarolice ou maledicência, e sobretudo permanecendo unidos com o Senhor. Nessa altura, a doce chama da caridade espalhar-se-á sobre os que nos rodeiam, contribuirá para manter na Cartuxa esta atmosfera de paz que nos prepara para o céu, nos consola e nos santifica.

Há infelizmente também uma tagarelice interior que é a raiz da outra e que nos causa muito mal. Em vez de pensarmos na divina realidade do amor, que nos convida a servi-lo no momento presente, pensamos em coisas irreais, no passado, no que poderíamos fazer no mundo, nos acontecimentos sobre os quais, de resto, podemos ter influência. Ou então deixamos desenvolverem-se em nós pensamentos de crítica contra os nossos irmãos, contra a vida do convento, ou queixamo-nos a nós mesmos daquilo que temos de sofrer. Eu sei que o silêncio interior não é fácil. É sempre imperfeito. Mas é necessário que nos esforcemos com paciência. O nosso coração é indiscreto e é ele que nos trai. Façamo-lo calar, e o demónio não mais nos encontrará, e as tentações não registarão mais vitórias sobre nós.

Estes esforços para conservar a solidão e o recolhimento não têm só por objectivo assegurar-nos a calma e o equilíbrio. Trata-se de cooperar no supremo desejo que Deus quer realizar na nossa alma, o de conseguir aí uma vida nova para seu Filho. Por mais humilde e oculta que seja a existência de um cartuxo, o amor que reina no seu coração é um bem para a humanidade. Por-

que esta tem necessidade de caridade. Só a caridade é que dá alegrias; e, por outro lado, a graça é fecunda: ela não pode arder em nós sem iluminar muitos outros focos.

Que a Virgem Maria, escondida e silenciosa na gruta de Belém, nos ajude a imitá-la no recolhimento e na pureza, na sua fidelidade de esposa e na sua generosidade de mãe das almas.

PARA A EPIFANIA

Queria examinar hoje convosco um assunto que interessa a todos os que vivem sós: a luta contra as obsessões. Chama-se obsessão a uma ideia ou a uma imagem que ocupa no nosso pensamento um lugar considerável, quando, pela sua importância, deveria limitar-se a ocupar um lugar modesto ou até nem desempenhar qualquer papel.

São estas as obsessões que se encontram mais vezes na consciência de um religioso: julgar-se detestado e perseguido, ser ciumento, revoltar-se contra a superioridade real ou imaginária de um irmão, ter receios esmagadores sobre a saúde, a fortuna ou a vida moral da família, agitar-se ou indignar-se com as imperfeições alheias, afligir-se com a preocupação de agir sobre pessoas que não estão submetidas nem à sua jurisdição nem à sua autoridade... Eis alguns exemplos de tendências ou representações que nos podem obcecar, mas a variedade é infinita.

O meio de suprimir estas desordens será restituir ao pensamento a rectidão que lhe falta. A obsessão, com

efeito, é devida em grande parte, se não totalmente, ao facto de não vermos as coisas como elas são. É uma noção falsa que se impõe por acaso, e que interrompe o curso normal do pensamento.

Reconhecer a falsidade da ideia e eliminá-la precisamente por isso, seria o remédio mais eficaz. Infelizmente, quando a faculdade de julgar é defeituosa em qualquer de nós, não há nenhum meio *natural* de a melhorar. No entanto, restituindo-nos a calma, ocupando o tempo necessário numa reflexão tranquila e sobretudo recolhendo-nos na presença de Deus, podemos criar condições mais favoráveis ao seu exercício.

Além disso, há uma virtude que é inimiga da estupidez: é a humildade. De facto, quem é humilde é sensato no essencial, porque sabe pôr-se no seu lugar. E, quando sabemos ocupar o nosso lugar, que é o último: *recumbe in novissimo loco* (Luc., XIV, 10), vemos as coisas no seu verdadeiro valor. Uma alma pouco dotada de lucidez natural, que tivesse consciência disso e se entregasse à direcção alheia (mesmo que o Director não ultrapasse uma sensatez média), estaria por isso mesmo livre de muitos escrúpulos, de pensamentos estúpidos que assediarão uma outra. Sejamos modestos, abertos e dóceis, que são estes os grandes remédios contra as ideias falsas cuja insistência suscita o risco de tornar infeliz a vida do homem solitário, e de a fazer perder a sua nobreza.

De resto, na escolha dos candidatos à vida cartuxa, um espírito clarividente, um bom senso sólido deverão

ser considerados como qualidades indispensáveis. Certas pessoas espantam-se com esta exigência. Não há necessidade de tão grande bom senso para deixar tudo — dizem eles —, mas é um erro. Para nos libertarmos e nos desligarmos das coisas, é preciso vê-las na sua verdadeira natureza, pesar-lhes o seu valor, enquadrá-las no seu lugar. A sensatez é tão necessária e mesmo mais necessária para a renúncia aos bens do mundo do que para a posse dos mesmos.

Muitas vezes, porém, parece que não basta fazer um juízo correcto para nos desembaraçarmos da obsessão. Primeiro, esta, pode ter um fundamento real: posso estar manietado por uma doença ou perseguição imaginária, mas pode-me acontecer estar efectivamente doente ou ser perseguido. Então não é a ideia tirânica que é pròpriamente falsa, mas é *falsa* talvez a importância que ela assume na nossa vida interior. Em muitos casos, sabemos mais ou menos nìtidamente que, à luz de Cristo, tem pouco valor aquilo cuja imagem ou pensamento nos persegue, mas nem por isso nos livramos da obsessão. Devemos pois concordar que a vontade do cristão é necessária para apoiar o seu raciocínio e para o completar: ela deve impor as certezas espirituais à imaginação e à sensibilidade.

Quando conhecemos certas verdades, resta-nos ainda fazê-las admitir na parte inferior da alma, o que exige um esforço contínuo para nos recolhermos e para nos moderarmos, um dos elementos essenciais de toda a

vida cristã. Não se pode evitar esta luta; o que pela experiência se pode conseguir, é reconhecer melhor a estratégia.

Há, em primeiro lugar, condições físicas que a tornam ineficaz. Para já, é preciso que nos saibamos levar a nós próprios. Mas só queremos falar aqui de meios espirituais. Ora, sob este ponto de vista, todas as obsessões têm por causa uma certa resistência do amor próprio; não queremos aceitar a nossa parte nos sofrimentos e humilhações. Seria necessário consentir em sermos postos de lado: o abandono. A nossa infelicidade pende apenas por um fio e este fio somos nós mesmos que o seguramos: não nos queremos libertar. Ceder a Deus no que Ele pede, totalmente, radicalmente, pronunciar um *Amen* sem reservas, seria a libertação. Há um provérbio que diz: onde nada há, o rei perde os seus direitos. Da mesma maneira, o Príncipe deste mundo não tem poder sobre aquele que consente em ser reduzido ao nada; os demónios do orgulho, da impaciência, do ciúme não o cercarão mais, porque abandonou já tudo o que estas potências poderiam cobiçar.

Muitas vezes, por segundos, parece-nos ter atingido este estado, mas depressa a ideia cruel retoma o seu poder: a nossa vontade é fraca e inconstante. Só a graça pode ajudar-nos a querer, só os dons do Espírito Santo, dons de inteligência e de sabedoria, podem curar o nosso raciocínio cuja rectidão sobrenatural constitui um elemento decisivo. Este dom de sabedoria, é preciso pedi-lo a

Deus numa oração humilde e perseverante; oração que resultará tanto melhor quanto mais contemplativa for. Porque a perfeição do raciocínio depende sobretudo do olhar interior: se a alma estiver habitualmente voltada para Deus, se o contemplar habitualmente de frente, entrará no segredo desse esquecimento feliz de tudo aquilo que não é o seu amor.

É aí que certamente reside o ponto crítico; é aí que confluem as coisas como no seu princípio e no seu fim; aí se restabelece a harmonia verdadeira e o equilíbrio de todo o ser humano. Que Maria, mãe e modelo das almas contemplativas, nos obtenha do seu divino Filho, na presente festa da sua manifestação, esta libertação interior e o seu fruto eterno.

Í N D I C E

Pág.

PRÓLOGO 9

Os caminhos pequenos 17

O humanismo perigoso 24

A vida de oração 34

INTRODUÇÃO À VIDA ESPIRITUAL

INTRODUÇÃO 41

PRINCÍPIOS DA VIDA ESPIRITUAL 45

O fim sobrenatural 45

A vida de fé 49

Presença natural de Deus 51

Presença sobrenatural de Deus 53

O pecado mortal e a presença de Deus 55

Presença sobrenatural de Deus no homem 56

A fé, a esperança e a caridade 57

MÉTODO DE ORAÇÃO 61

Acto de fé 61

Acto de esperança 62

Acto de caridade 63

Conselhos 63

O papel da imaginação 65

Conclusão da oração 67

A oração prolongada 68

Objectivo da vida de oração 69

Obstáculos que são meios 71

Aplicação à vida prática 72

A ESPIRITUALIDADE DO EVANGELHO 77

ÍNDICE

Pág.

As exigências do evangelho 78
As últimas palavras de Cristo 79
As promessas do evangelho 81

A TRINDADE E A VIDA INTERIOR

PRÓLOGO 87
EM DEUS 91
O dogma 91
As analogias do conhecimento e do amor 94
A vida íntima de Deus 98
DE DEUS AO HOMEM 103
A unidade dos desígnios de Deus 103
A pessoa de Cristo 107
A obra de Cristo 108
DO HOMEM ATÉ DEUS 113
O HOMEM EM DEUS 119

SERMÕES CAPITULARES

NA OITAVA DA PURIFICAÇÃO 135
EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ 143
NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA 147
IMACULADA CONCEIÇÃO 151
EPIFANIA 155
NA VIGÍLIA DO PENTECOSTES 159
FESTA DE TODOS OS SANTOS 163
FESTA DA IMACULADA CONCEIÇÃO 167
PARA A VIGÍLIA DO NATAL 171
PARA A EPIFANIA 175

NIHIL OBSTAT: COIMBRA, 24 DE MARÇO DE 1959. DR. ANTÓNIO DE BRITO CARDOSO. IMPRIMATUR: COIMBRA, 24 DE MARÇO DE 1959. † ERNESTO, ARCEBISPO-BISPO DE COIMBRA

ACABOU DE SE IMPRIMIR A 18 DE ABRIL DE 1959, NAS OFICINAS DE NOVA LISBOA GRÁFICA, LDA. TRAV. DO FALA-SÓ, 11-D — LISBOA